

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

ARTHUR AGUIAR CAIRES

INTÊ — JORNALISMO CULTURAL:
UM SITE DE JORNALISMO CULTURAL SOBRE A MÚSICA AUTORAL NO
INTERIOR PAULISTA

BAURU
2026

ARTHUR AGUIAR CAIRES

INTÊ — JORNALISMO CULTURAL:

um site de jornalismo cultural sobre a música autoral no interior paulista

Relatório de Projeto Experimental apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo pela Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp).
Orientadora: Dra. Aline Camargo

Caires, Arthur Aguiar.

C136i

Intê — jornalismo cultural: um site de jornalismo cultural sobre a música autoral no interior paulista / Arthur Aguiar Caires. Bauru, 2026.

90 f. : il.

Relatório de Projeto Experimental apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo pela Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual

Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru, 2026.

Orientadora: Dra. Aline Camargo.

1. Jornalismo cultural. 2. Revista digital. 3. Reportagem multimídia. 4. Música autoral. 5. Interior paulista. I. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design. II. Título.

CDD 070.4

ARTHUR AGUIAR CAIRES

INTÊ — JORNALISMO CULTURAL:
um site de jornalismo cultural sobre a música autoral no interior paulista

Relatório de Projeto Experimental apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo pela Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp).

Bauru, 29 de Julho de 2026

BANCA EXAMINADORA

Dra. Aline Camargo (orientadora)
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Dra. Liliane de Lucena Ito
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Prof. Assoc. Eli Vagner Francisco Rodrigues
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, primeiramente. Pelo apoio, pela confiança, pela paciência e pelo cuidado oferecidos ao longo de toda a minha trajetória, agradeço por estarem presentes não apenas na realização deste Trabalho de Conclusão de Curso, mas em toda a minha formação pessoal e acadêmica. Agradeço também aos meus tios, primos e demais familiares que, de alguma forma, participaram direta ou indiretamente desse caminho.

À Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), instituição que fez parte de um período importante da minha vida. A graduação em Jornalismo foi um espaço de aprendizado, amadurecimento, encontros, dúvidas e descobertas que certamente permanecerão na minha trajetória profissional e pessoal.

À minha orientadora, pela escuta, pela orientação cuidadosa e pelas contribuições ao longo do desenvolvimento deste projeto. Seu olhar atento, técnico e sensível foi essencial para que este trabalho pudesse tomar forma, encontrar caminhos e chegar à sua versão final.

Aos professores que integraram minha formação, por compartilharem conhecimentos, experiências e provocações que contribuíram para o desenvolvimento do meu olhar crítico. Cada disciplina, orientação, conversa e leitura ajudou a construir a forma como hoje compreendo o jornalismo, a cultura e a responsabilidade de contar histórias.

À banca examinadora, pela disponibilidade em avaliar este trabalho e contribuir com novas perspectivas sobre o produto desenvolvido. A leitura atenta e as considerações feitas a partir deste projeto representam uma etapa importante da minha formação como jornalista.

Aos amigos, que também foram parte essencial deste processo. Aos que estiveram por perto, aos que acompanharam de longe, aos que ouviram desabafos, dividiram dúvidas, incentivaram escolhas e tornaram esse período mais leve.

Por fim, agradeço a todas as fontes, artistas, produtores, fotógrafos, comunicadores e agentes culturais que contribuíram para a construção desta reportagem. Sem a generosidade de quem compartilhou histórias, memórias, experiências e percepções, este trabalho não teria sido possível.

RESUMO

O presente relatório documenta o desenvolvimento de intê — jornalismo cultural, um site de jornalismo cultural sobre a música autoral no interior paulista. Publicado em ambiente digital, por meio da plataforma WordPress, o projeto tem como principal conteúdo a reportagem multimídia “O interior é melhor que a capital: A rede invisível que sustenta a música autoral paulista”, que investiga artistas, produtores, casas de show, festivais, fotógrafos, comunicadores e agentes culturais envolvidos na formação e na sustentação de uma cena independente. O trabalho parte da compreensão de que a produção cultural fora dos grandes centros não deve ser tratada como periférica ou secundária, mas como rede ativa de criação, circulação, memória e ocupação territorial. Para isso, foram utilizados procedimentos de revisão bibliográfica, apuração jornalística, entrevistas, pesquisa documental, observação de eventos, seleção e edição de imagens, além da produção de elementos multimídia, como mapas, infográficos, playlists, vídeos e links. A reportagem foi estruturada em Prelúdio, seis capítulos e Epílogo, compondo uma narrativa long form sobre os caminhos que sustentam a cena: o garimpo, a estrada, o palco, a ascensão, o megafone, o rascunho, a memória e a permanência do interior como território cultural vivo. O produto busca contribuir para o jornalismo cultural ao registrar personagens, espaços e práticas pouco visibilizados pela cobertura tradicional, articulando narrativa, multimídia e reflexão territorial.

Palavras-chave: Jornalismo cultural; Revista digital; Reportagem multimídia; Música autoral; Interior paulista.

ABSTRACT

This report documents the development of intê — cultural journalism, a cultural journalism website about original music in the countryside of São Paulo state. Published in a digital environment through WordPress, the project's main content is the multimedia report “O interior é melhor que a capital: A rede invisível que sustenta a música autoral paulista”, which investigates artists, producers, live music venues, festivals, photographers, communicators, and cultural agents involved in the formation and maintenance of an independent music scene. The project is based on the understanding that cultural production outside major urban centers should not be treated as peripheral or secondary, but as an active network of creation, circulation, memory, and territorial occupation. To achieve this, the work employed bibliographic review, journalistic reporting, interviews, documentary research, observation of cultural events, selection and editing of images, as well as the production of multimedia elements such as maps, infographics, playlists, videos, and links. The report was structured into a Prelude, six chapters, and an Epilogue, creating a long-form narrative about the paths that sustain the scene: discovery, circulation, stages, growth, amplification, experimentation, memory, and the permanence of the countryside as a living cultural territory. The product seeks to contribute to cultural journalism by documenting characters, spaces, and practices that are often less visible in traditional coverage, while articulating narrative, multimedia resources, and territorial reflection.

Keywords: Cultural journalism; Digital magazine; Multimedia reporting; Original music; São Paulo countryside.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Apresentação do tema.....	9
1.2 Problema jornalístico e justificativa.....	10
1.3 Objetivos.....	11
1.4 Apresentação do produto.....	12
1.5 Estrutura do relatório.....	14
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 Jornalismo cultural e jornalismo especializado.....	16
2.2 Reportagem longform, jornalismo literário e entrevista.....	22
2.3 Jornalismo digital, multimídia e experiência de leitura.....	29
2.4 Cena musical, território e circulação.....	36
3. METODOLOGIA.....	44
3.1 Natureza do projeto.....	44
3.2 Pré-produção.....	45
3.3 Produção.....	47
3.4 Pós-produção.....	50
3.5 Custos de produção.....	53
4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	54
4.1 O projeto editorial intê.....	55
4.2 A reportagem “O interior é melhor que a capital”.....	56
4.3 Identidade visual.....	57
4.4 Estrutura do site.....	59
4.5 Estrutura narrativa da reportagem.....	60
4.5.1 Prelúdio: O garimpo.....	60
4.5.2 Capítulo 1: A estrada.....	61
4.5.3 Capítulo 2: O palco.....	62
4.5.4 Capítulo 3: A ascensão.....	63
4.5.5 Capítulo 4: O megafone.....	63
4.5.6 Capítulo 5: O rascunho.....	64
4.5.7 Capítulo 6: A memória.....	65
4.5.8 Epílogo: O interior vive.....	66
4.6 Elementos multimídia.....	66
4.6.1 Fotografias.....	66
4.6.2 Infográficos.....	67
4.6.3 Playlists.....	67
4.6.4 Vídeos e embeds.....	68
4.6.5 Links e documentos.....	68
4.7 Público-alvo e experiência de leitura.....	68
4.8 Limitações do produto.....	69
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
5.1 Retomada dos objetivos.....	71
5.2 Contribuições jornalísticas.....	72
5.3 Contribuições culturais.....	73

5.4 Desafios encontrados.....	74
5.5 Possibilidades de continuidade.....	75
5.6 Fechamento.....	76
6. REFERÊNCIAS.....	78
7. APÊNDICES.....	81
APÊNDICE A — Link para a reportagem “O interior é melhor que a capital”.....	81
APÊNDICE B — Lista de fontes entrevistadas.....	81
APÊNDICE C — Identidade visual do intê.....	82
APÊNDICE D — Prints da página inicial.....	83
APÊNDICE E — Prints da página Capítulos.....	84
APÊNDICE F — Prints da página Sobre.....	85
APÊNDICE G — Prints dos capítulos.....	86
APÊNDICE H — Infográficos.....	89

1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo, são apresentados o tema, o problema jornalístico, a justificativa, os objetivos e o produto desenvolvido neste Trabalho de Conclusão de Curso. A introdução também contextualiza a música autoral do interior paulista como objeto de investigação jornalística e explica a escolha pelo formato digital e multimídia, materializado no site intê — jornalismo cultural.

1.1 Apresentação do tema

Este relatório apresenta o desenvolvimento do projeto experimental intê — jornalismo cultural, um site de jornalismo cultural sobre a música autoral no interior paulista. O produto tem como principal conteúdo a reportagem multimídia “O interior é melhor que a capital: A rede invisível que sustenta a música autoral paulista”. Produzida como Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, a reportagem foi publicada em ambiente digital, por meio da plataforma WordPress, e investiga a música autoral no interior paulista a partir de artistas, produtores, casas de show, festivais, fotógrafos, comunicadores e agentes culturais que participam da formação e da sustentação de uma cena independente.

A linha fina da reportagem principal sintetiza o eixo central do trabalho: “Os artistas e agentes culturais que fazem da cena independente uma forma de moldar e ocupar territórios.” A partir dessa formulação, o produto busca compreender a música autoral não apenas como produção estética, mas como prática cultural, forma de circulação, rede de sociabilidade e modo de ocupação simbólica do território. A cena musical investigada não se limita ao momento do show ou ao lançamento de uma música. Ela envolve deslocamentos, palcos, bastidores, registros, festas, festivais, públicos, arquivos e relações de confiança entre diferentes agentes.

O interesse pelo tema surgiu de forma gradual, a partir do acompanhamento de bandas, perfis, páginas e eventos relacionados à música independente no interior de São Paulo. Ao observar a recorrência de determinados nomes, cidades, fotógrafos, festivais e casas de show, tornou-se possível perceber que havia uma rede cultural em funcionamento. O que inicialmente aparecia como um conjunto disperso de publicações em redes sociais, cartazes, vídeos e indicações musicais passou a se apresentar como objeto jornalístico. A reportagem nasce, portanto, de

um processo de aproximação por acúmulo: quanto mais os rastros se repetiam, mais a cena se tornava visível.

O trabalho se concentra na música autoral produzida e articulada no interior paulista, com atenção a cidades como Bauru, Campinas, Sorocaba, Santa Bárbara d'Oeste, Americana, Salto, Hortolândia, Marília e outras localidades que aparecem ao longo da apuração. O recorte não pretende mapear de forma totalizante toda a produção musical independente do estado de São Paulo, mas investigar uma rede específica de artistas, casas, festivais e comunicadores que revela dinâmicas mais amplas sobre circulação cultural fora dos grandes centros. A capital paulista aparece, nesse contexto, não como inimiga da cena interiorana, mas como contraponto simbólico: um centro historicamente associado à visibilidade, à validação e às oportunidades do mercado cultural.

Nesse sentido, o título “O interior é melhor que a capital” funciona como provocação jornalística. A frase não propõe uma inversão simplista de hierarquias, nem afirma que toda produção cultural do interior seja superior à da capital. Seu objetivo é tensionar a ideia de que a relevância cultural precisa ser medida pela proximidade com os centros já consagrados. Ao investigar a música autoral no interior paulista, a reportagem procura mostrar que existem circuitos próprios de criação, circulação, visibilidade e memória, ainda que muitas vezes sustentados por estruturas frágeis, trabalho informal e redes de colaboração pouco reconhecidas.

1.2 Problema jornalístico e justificativa

A questão central que orienta este projeto é: como a música autoral do interior paulista se organiza, circula, ganha visibilidade e constrói memória fora da centralidade cultural da capital? A partir dessa pergunta, a reportagem busca compreender de que maneira artistas e produtores criam circuitos próprios de circulação, como casas de show e festivais contribuem para a formação de uma cena independente, quais obstáculos materiais e simbólicos atravessam a produção musical fora dos grandes centros e como o jornalismo cultural pode documentar cenas que ainda não foram plenamente reconhecidas pelo mercado ou pela imprensa hegemônica.

A relevância jornalística do trabalho está na necessidade de ampliar o olhar sobre a cobertura cultural. Em muitos veículos, a música independente aparece de forma pontual, vinculada a agendas de shows, lançamentos, entrevistas

promocionais ou notas de divulgação. Esse tipo de cobertura, embora tenha sua função, nem sempre permite compreender os processos que sustentam uma cena cultural. Ao optar pela reportagem *longform*, este projeto busca ir além da divulgação episódica e construir uma narrativa capaz de contextualizar os agentes, os espaços e as relações que tornam a música autoral possível.

A justificativa cultural do produto está relacionada à importância de registrar a música autoral do interior paulista como produção simbólica relevante. Cenas culturais independentes frequentemente dependem de registros dispersos, como fotografias publicadas em redes sociais, vídeos de apresentações, cartazes digitais, posts de divulgação e relatos de participantes. Quando esses registros não são organizados, parte da memória cultural de uma cidade ou de uma geração pode se perder. A reportagem procura contribuir para esse registro ao reunir entrevistas, imagens, dados, mapas, playlists e documentos em um produto jornalístico estruturado.

A justificativa territorial também é central. O interior paulista não é tratado como cenário neutro ou como espaço secundário em relação à capital. Ao contrário, a reportagem observa como cidades, estradas, casas de show, festivais e festas participam da formação da cena. A música autoral aparece como prática que ocupa e ressignifica territórios, criando pontos de encontro, circuitos de circulação e formas de pertencimento. Dessa maneira, o trabalho questiona a capital como medida natural de valor cultural e propõe olhar para o interior como território ativo de produção, disputa e memória.

Do ponto de vista acadêmico, o projeto permite articular diferentes campos de reflexão: jornalismo cultural, jornalismo especializado, reportagem narrativa, jornalismo literário, entrevista, multimídia, webjornalismo, cena musical e território. Essa articulação justifica a escolha do formato experimental. A produção de uma reportagem multimídia em WordPress permitiu unir prática jornalística e reflexão teórica, desenvolvendo um produto que não apenas aborda uma cena cultural, mas também experimenta formas de narrá-la no ambiente digital.

1.3 Objetivos

O objetivo geral deste Trabalho de Conclusão de Curso é desenvolver o projeto experimental intê — jornalismo cultural, um site de jornalismo cultural sobre a música autoral no interior paulista, tendo como principal conteúdo a reportagem

multimídia “O interior é melhor que a capital: A rede invisível que sustenta a música autoral paulista”.

Para alcançar esse objetivo, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- a) investigar os modos de organização, circulação e permanência da música autoral no interior paulista, observando artistas, produtores, casas de show, festivais, coletivos, festas e redes de colaboração;
- b) entrevistar artistas, produtores, fotógrafos, jornalistas, pesquisadores, comunicadores e agentes culturais ligados à cena musical independente;
- c) compreender os desafios materiais, simbólicos e institucionais enfrentados por artistas e produtores independentes fora da centralidade cultural da capital;
- d) produzir uma narrativa jornalística em formato long form, dividida em Prelúdio, capítulos e Epílogo, articulando apuração, entrevistas, pesquisa documental e observação de eventos;
- e) desenvolver o site intê — jornalismo cultural como espaço editorial para abrigar a reportagem, organizar a experiência de leitura e incorporar elementos multimídia, como fotografias, vídeos, mapas, infográficos, playlists, links e recursos visuais.

Esses objetivos orientaram tanto a apuração quanto a forma final do produto. O resultado é um site de jornalismo cultural que busca tornar legível uma rede composta por diferentes agentes, cidades e práticas, contribuindo para o registro público de uma cena musical em movimento.

1.4 Apresentação do produto

O produto final deste TCC é publicado no site intê — jornalismo cultural, desenvolvido em WordPress. O intê foi criado como projeto editorial para abrigar a reportagem e funcionar como espaço de jornalismo cultural, com possibilidade de continuidade após a finalização do trabalho acadêmico. A escolha do nome remete ao interior, mas sem se limitar a uma descrição literal. A proposta foi construir uma marca curta, reconhecível e aberta a futuras produções relacionadas a música, crítica, memória, território e cenas culturais independentes.

A reportagem “O interior é melhor que a capital” foi estruturada em formato multimídia e dividida em oito partes: Prelúdio: O garimpo; Capítulo 1: A estrada; Capítulo 2: O palco; Capítulo 3: A ascensão; Capítulo 4: O megafone; Capítulo 5: O rascunho; Capítulo 6: A memória; e Epílogo: O interior vive. Cada parte analisa uma dimensão da cena musical autoral do interior paulista.

O Prelúdio apresenta o processo de descoberta do tema, a partir de rastros, repetições e conexões entre artistas, cartazes, fotógrafos, perfis e festivais. O Capítulo 1 trata da estrada como infraestrutura cultural, observando a circulação de artistas por meio da LMC Tour e os custos físicos e financeiros de fazer a música chegar a outras cidades. O Capítulo 2 aborda o palco, destacando a importância das casas de show e espaços independentes. O Capítulo 3 discute a ascensão de artistas, a formação de público e a relação entre interior, internet e mercado. O Capítulo 4 analisa festivais como mecanismos de amplificação da cena. O Capítulo 5 trata da precariedade, da experimentação e da ocupação noturna. O Capítulo 6 reflete sobre registro, fotografia, cobertura e memória. O Epílogo retoma os caminhos percorridos e sintetiza a ideia de que o interior vive porque há uma rede de pessoas trabalhando para que ele viva.

Além dos capítulos, o site possui páginas de apoio: Início, Capítulos e Sobre. A página inicial apresenta o projeto e introduz a reportagem. A página de capítulos funciona como índice visual da narrativa, com cards e links para cada parte. A página Sobre contextualiza o intê como projeto editorial e como produto de TCC, apresentando sua proposta e sua finalidade. Essa estrutura foi pensada para orientar o leitor e permitir tanto uma leitura sequencial quanto uma navegação por partes específicas da reportagem.

A identidade visual do produto utiliza como cor principal o laranja #ee5f22, combinado ao fundo off-white #f5f0e8 e ao preto/grafite #111111. A referência visual parte, entre outros elementos, da obra *O Violeiro* (1899), de Almeida Júnior, especialmente por sua relação com o interior paulista, com a música e com tons terrosos e alaranjados. A escolha tipográfica combina títulos serifados e corpo de texto sem serifa, buscando equilíbrio entre personalidade editorial e legibilidade digital. A estética geral procura dialogar com jornalismo musical, fanzine, cartaz de show e revista cultural, evitando uma aparência institucional ou genérica.

A opção pelo WordPress se justifica pela possibilidade de organizar texto, imagem, som e navegação em um mesmo produto. A reportagem utiliza fotografias

documentais, vídeos incorporados, playlists, mapas, infográficos, links externos e elementos visuais que ajudam a expandir a leitura. Esses recursos não foram pensados apenas como complementos decorativos, mas como partes da narrativa. Em uma reportagem sobre música e território, ouvir, ver, localizar e navegar também são formas de compreender o objeto.

1.5 Estrutura do relatório

Este relatório está organizado em cinco capítulos, além das referências e apêndices. O primeiro capítulo, Introdução, apresenta o tema, o problema jornalístico, a justificativa, os objetivos, o produto desenvolvido e a estrutura do trabalho.

O segundo capítulo, Fundamentação teórica, reúne os principais conceitos que sustentam o projeto. A discussão foi organizada em quatro eixos: jornalismo cultural e jornalismo especializado; reportagem *longform*, jornalismo literário e entrevista; jornalismo digital, multimídia e experiência de leitura; e cena musical, território e circulação. Esses eixos permitem compreender o produto como uma reportagem cultural, narrativa, multimídia e territorializada.

O terceiro capítulo, Metodologia, descreve o processo de produção do trabalho. Nele, são apresentadas a natureza do projeto, a pré-produção, a produção e a pós-produção. O capítulo detalha a escolha do tema, a criação do intê, a definição do recorte, as entrevistas realizadas, a observação de eventos, a pesquisa documental, a escrita dos capítulos, a produção multimídia e a montagem final no WordPress.

O quarto capítulo, Descrição do produto, apresenta o resultado final de forma detalhada. São descritos o projeto editorial intê, a reportagem principal, a identidade visual, a estrutura do site, a organização narrativa dos capítulos, os elementos multimídia, o público-alvo, a experiência de leitura e os limites do produto. Esse capítulo busca mostrar o que foi produzido e por que determinadas escolhas editoriais, visuais e narrativas foram adotadas.

O quinto capítulo, Considerações finais, retoma os objetivos do trabalho, discute as contribuições jornalísticas e culturais do produto, apresenta os desafios encontrados, reconhece os limites do recorte e aponta possibilidades de continuidade do intê como projeto editorial. Por fim, as Referências reúnem as obras, artigos, documentos e fontes utilizadas na fundamentação teórica e no

desenvolvimento do produto, enquanto os Apêndices apresentam materiais complementares, como link do site, lista de fontes, roteiros de entrevista, prints do site, identidade visual, infográficos e outros documentos de apoio.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A construção de uma reportagem multimídia sobre a música autoral no interior paulista exige uma fundamentação teórica capaz de articular o objeto cultural, a forma jornalística escolhida e o território investigado. O produto desenvolvido neste Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “O interior é melhor que a capital: A rede invisível que sustenta a música autoral paulista”, não se limita à cobertura de artistas, festivais ou casas de show.

A reportagem busca compreender uma cena cultural em funcionamento, isto é, uma rede de práticas, agentes, espaços, deslocamentos, registros e memórias que dá sustentação à música autoral fora da centralidade simbólica da capital. Por isso, os conceitos mobilizados neste capítulo foram organizados em quatro eixos: jornalismo cultural e jornalismo especializado; reportagem *longform*, jornalismo literário e entrevista; jornalismo digital, multimídia e experiência de leitura; e cena musical, território e circulação.

O primeiro eixo situa o produto no campo do jornalismo cultural e do jornalismo especializado. A proposta editorial do intê parte da compreensão de que a cultura não deve ser tratada apenas como agenda de eventos, entretenimento ou divulgação de produtos artísticos. Ao contrário, ela aparece como prática social, forma de mediação simbólica e modo de leitura da realidade. Nesse sentido, investigar a música autoral do interior paulista implica observar não apenas as canções, mas também as relações que as tornam possíveis: os palcos, as estradas, os festivais, os registros, os públicos e os agentes que constroem a cena. A especialização jornalística, por sua vez, fundamenta a escolha de um recorte temático específico e permite aprofundar um objeto que dificilmente seria contemplado com a mesma densidade pela cobertura cotidiana e generalista.

O segundo eixo sustenta a escolha pela reportagem de profundidade, pelo formato *longform* e por recursos do jornalismo literário. Como a cena investigada não se organiza em torno de um único fato, mas de processos culturais dispersos, a narrativa precisa ultrapassar a lógica da notícia imediata. A divisão em Prelúdio, capítulos e Epílogo permite construir um percurso interpretativo em que

personagens, cenas, falas diretas, descrições, documentos e análises se articulam progressivamente. Nesse contexto, a entrevista também assume papel central: mais do que instrumento de coleta de declarações, ela é compreendida como prática de escuta, mediação e aproximação com os sujeitos que vivem e sustentam a cena musical do interior.

O terceiro eixo aborda o jornalismo digital, a multimídia e a experiência de leitura. A publicação em WordPress não foi pensada apenas como suporte técnico para hospedar textos, mas como parte da linguagem do produto. A reportagem utiliza a lógica do ambiente digital para organizar capítulos, criar caminhos de navegação, incorporar imagens, mapas, infográficos, playlists, links e outros recursos de contextualização. Desse modo, o site funciona como arquitetura narrativa: permite que o leitor percorra a reportagem de maneira sequencial, mas também acesse elementos complementares, visuais e sonoros, que ampliam a compreensão da rede cultural investigada.

Por fim, o quarto eixo reúne os conceitos de cena musical, território e circulação, que sustentam diretamente o argumento central do TCC. A música autoral do interior paulista é compreendida como uma cena formada por práticas sociais, espaços de encontro, fluxos entre cidades e formas de reconhecimento coletivo. A noção de território permite deslocar o olhar da cidade como simples cenário para a cidade como espaço usado, vivido e ressignificado pelos agentes culturais. Já a ideia de circulação evidencia que a cena não existe apenas onde a música é criada, mas também nos caminhos pelos quais ela se desloca, nos palcos que a recebem, nos registros que a preservam e nas redes que a fazem permanecer. Assim, os quatro eixos teóricos deste capítulo sustentam a compreensão do intê como produto de jornalismo cultural, narrativo, multimídia e territorializado.

2.1 Jornalismo cultural e jornalismo especializado

A elaboração de uma reportagem multimídia sobre a música autoral no interior paulista exige, antes de tudo, uma definição ampliada de cultura e de jornalismo cultural. No caso deste trabalho, cultura não é compreendida apenas como sinônimo de obra artística acabada, nem como repertório restrito às instituições consagradas, aos grandes centros urbanos ou aos produtos legitimados pelo mercado. A reportagem “O interior é melhor que a capital: A rede invisível que

sustenta a música autoral paulista” parte de uma compreensão mais ampla: a música autoral aparece como prática social, modo de circulação, forma de pertencimento e construção cotidiana de vínculos entre artistas, produtores, casas de show, festivais, fotógrafos, comunicadores e públicos. É nesse sentido que o produto se aproxima tanto do jornalismo cultural quanto do jornalismo especializado. Raymond Williams é um autor importante para essa ampliação do conceito de cultura. Ao deslocar a cultura do campo exclusivo das belas-artes ou da alta erudição, Williams permite entendê-la como experiência social, como forma de vida e como conjunto de significados compartilhados historicamente. Em sua perspectiva, a cultura não está separada da vida ordinária; ela se manifesta nas instituições, nas artes, nas linguagens, nos hábitos e nas formas pelas quais uma sociedade produz sentido sobre si mesma (Williams, 1958). Essa compreensão é decisiva para o presente relatório porque impede que a música independente do interior paulista seja tratada apenas como um conjunto de canções, bandas ou eventos. O objeto desta reportagem é também a vida cultural que se organiza em torno desses sons: os deslocamentos entre cidades, as casas que recebem shows, os festivais que articulam públicos, os registros fotográficos, as redes de apoio e as disputas simbólicas em torno do que merece ser visto, ouvido e lembrado.

Ao afirmar que a cultura é ordinária, Williams não reduz seu valor; ao contrário, desloca o olhar para práticas que muitas vezes ficam à margem das hierarquias culturais mais tradicionais. Essa perspectiva ajuda a sustentar a escolha do interior paulista como território jornalístico. O termo “interior”, no senso comum, frequentemente aparece associado à ideia de distância, atraso ou secundariedade em relação à capital.

A reportagem parte justamente da recusa dessa hierarquia automática. Ao observar a cena musical autoral em cidades como Bauru, Campinas, Sorocaba, Santa Bárbara d’Oeste, Americana, Salto, Hortolândia e Marília, o produto reconhece que há produção cultural relevante fora dos centros de consagração mais evidentes. Essa produção não se resume a um reflexo atrasado do que acontece na capital; ela organiza seus próprios circuitos, suas próprias linguagens e seus próprios modos de permanência.

A contribuição de Williams também permite entender que a música, nesse caso, não é apenas produto estético. Ela é uma forma de relação social. Uma banda que circula por casas pequenas, um festival que cria condições para artistas

autorais se apresentarem, uma fotógrafa que registra uma noite de show, um comunicador que cobre uma cena local ou um produtor que articula uma turnê entre cidades são agentes de uma mesma dinâmica cultural. O jornalismo, ao se aproximar desse conjunto, não apenas descreve obras ou eventos; ele interpreta uma formação cultural em movimento. Por isso, o projeto intê — jornalismo cultural não foi pensado como uma vitrine de lançamentos ou como uma agenda de shows, mas como um espaço de leitura crítica de cenas, territórios e práticas culturais.

Essa concepção ampliada de cultura se articula diretamente com o jornalismo cultural. Daniel Piza (2004) observa que esse campo costuma ocupar um lugar ambíguo no interior das redações: embora muitas vezes seja tratado como área secundária, segue sendo uma das editorias de maior interesse do público. Segundo o autor, “embora muitas vezes relegado a segundo plano pelos veículos de comunicação — costuma ser uma das primeiras vítimas de cortes de pessoal e reduções de custos —, o jornalismo cultural continua entre os preferidos do público e ganha cada vez mais status entre os jovens que pretendem seguir a profissão de jornalista” (Piza, 2004, p. 6). A observação ajuda a situar uma tensão importante: a cultura desperta interesse social, mas nem sempre recebe, nos veículos jornalísticos, o investimento editorial necessário para abordagens aprofundadas.

Para Piza, praticar jornalismo cultural não significa apenas emitir opiniões sobre produtos artísticos. O autor afirma que “praticá-lo, no entanto, é muito mais do que emitir opiniões sobre filmes, livros, peças de teatro e novelas. É um exercício constante de aprimoramento e busca pela informação” (Piza, 2004, p. 6). Essa formulação é especialmente relevante para este TCC porque distingue o jornalismo cultural da divulgação acrítica. A reportagem desenvolvida no intê não se propõe a funcionar como release de artistas, festivais ou casas de show. Seu objetivo é compreender como uma rede cultural se sustenta, como circula, quais obstáculos enfrenta, que formas de visibilidade constrói e que tipo de memória produz.

Nesse sentido, o jornalismo cultural opera como mediação. Ele se coloca entre a produção artística e o público, mas também entre o acontecimento cultural e sua interpretação histórica, social e territorial. Ao investigar a música autoral do interior paulista, o repórter não atua apenas como divulgador de uma cena; atua como alguém que escuta fontes, organiza relações, identifica tensões e transforma acontecimentos dispersos em narrativa pública. A mediação cultural, nesse caso, não neutraliza o objeto. Pelo contrário, permite enxergá-lo em camadas: a dimensão

estética das músicas, a dimensão material dos shows, a dimensão afetiva das redes e a dimensão política da ocupação dos espaços.

O projeto intê se estrutura a partir dessa compreensão. Como produto editorial, ele assume o jornalismo cultural como prática de contexto e de interpretação. A reportagem “O interior é melhor que a capital” não busca apenas responder quais bandas existem, quais festivais acontecem ou quais casas de show recebem apresentações. A questão jornalística é mais ampla: que tipo de rede torna possível a existência de uma cena autoral fora da capital? Essa pergunta desloca o foco do produto cultural isolado para a infraestrutura simbólica e material que o sustenta. Assim, a reportagem não trata o interior como cenário, mas como elemento constitutivo da narrativa.

Ao lado do jornalismo cultural, o jornalismo especializado oferece outra base teórica para compreender o produto. Frederico Tavares observa que o jornalismo especializado pode ser pensado a partir de diferentes manifestações: “a especialização pode estar associada a meios de comunicação específicos (jornalismo televisivo, radiofônico, ciberjornalismo etc) e a temas (jornalismo econômico, ambiental, esportivo etc), ou pode estar associada aos produtos resultantes da junção de ambos” (Tavares, 2009, p. 115). Essa definição é útil porque permite compreender o intê como um produto que combina especialização temática e formato específico. Trata-se de um site de jornalismo cultural, publicado em WordPress, dedicado a uma reportagem multimídia sobre música autoral no interior paulista.

A especialização, portanto, não aparece apenas no tema escolhido. Ela também se manifesta na metodologia de apuração, na escolha das fontes, na construção narrativa e na forma de apresentação do produto. A reportagem se debruça sobre um recorte cultural específico, mas não o faz de maneira superficial. Ao entrevistar artistas, produtores, comunicadores, fotógrafos e agentes culturais, o trabalho busca aprofundar o entendimento de uma cena que dificilmente caberia nas rotinas mais rápidas do jornalismo diário. A especialização, nesse caso, é uma condição para a profundidade: quanto mais delimitado o objeto, maior a possibilidade de compreender suas relações internas.

Tavares também aponta que a especialização jornalística se relaciona às demandas de uma audiência cada vez mais diversa, interessada em conteúdos específicos abordados com profundidade, rigor e qualidade informativa (Tavares,

2009). Essa ideia ajuda a justificar a existência do intê como projeto editorial. O produto não se dirige a um público indiferenciado. Ele pressupõe leitores interessados em jornalismo cultural, música independente, cenas locais, crítica, território e memória. Essa segmentação não reduz o alcance jornalístico da reportagem; ao contrário, permite que o texto trabalhe com mais densidade, partindo de um campo cultural específico para discutir questões mais amplas, como centralização simbólica, circulação cultural, precariedade e reconhecimento.

A especialização também deve ser entendida, segundo Tavares, como uma transformação do próprio trabalho jornalístico. O autor afirma que “a especialização deve ser pensada também como ligada a uma nova metodologia do trabalho jornalístico, fundadora de novos produtos (no sentido de notícias e textos)” (Tavares, 2009, p. 118). Essa passagem contribui para compreender o relatório do presente projeto experimental. A escolha por uma reportagem multimídia em capítulos não é apenas uma decisão estética ou operacional. Ela decorre de uma metodologia de trabalho que exige tempo de apuração, escuta prolongada, organização de material documental, seleção de imagens, produção de infográficos, uso de playlists e estruturação de uma experiência de leitura digital.

Esse ponto é fundamental para diferenciar especialização de simples setorização. No caso do intê, não se trata apenas de criar uma editoria de música. O produto se especializa porque combina recorte temático, aprofundamento narrativo e linguagem multimídia. A reportagem não poderia ser reduzida a uma notícia factual sobre determinado festival, nem a uma crítica isolada de uma banda específica. O objeto é uma rede cultural. Por isso, a especialização se expressa na própria arquitetura da narrativa: Prelúdio, A estrada, O palco, A ascensão, O megafone, O rascunho, A memória e Epílogo são partes de uma investigação que tenta compreender diferentes dimensões da cena musical autoral.

A discussão de Tavares também permite pensar a relação entre jornalismo especializado e comunidade de interesse. Uma reportagem sobre música autoral do interior paulista se dirige a leitores que podem reconhecer nessa cena uma experiência compartilhada: artistas que enfrentam dificuldades de circulação, produtores que dependem de redes informais, fotógrafos que constroem arquivo, casas que oferecem palco, públicos que se deslocam, festivais que criam pontos de encontro.

Nesse sentido, o produto jornalístico não apenas informa sobre um tema; ele organiza uma forma de leitura sobre uma comunidade cultural. O intê atua como mediador entre essa rede e um público que talvez já participe dela, mas ainda não a tenha visto sistematizada em uma narrativa jornalística.

A contribuição de José Marques de Melo e Francisco de Assis, ainda que complementar neste eixo, ajuda a situar formalmente o tipo de jornalismo realizado. A reportagem se aproxima do gênero interpretativo porque não se limita à transmissão de acontecimentos. Ela organiza contexto, escuta diferentes fontes, constrói relações e oferece uma leitura aprofundada do objeto.

A classificação dos gêneros jornalísticos proposta por Marques de Melo (2006) permite compreender que o produto está mais próximo da reportagem e da interpretação do que da notícia factual. Já Francisco de Assis contribui para diferenciar o jornalismo cultural de uma cobertura de variedades entendida apenas como oferta de lazer. Segundo o autor, “o jornalismo de variedades tem se legitimado, cada vez mais, como especialidade destinada a cobrir pautas de cultura e entretenimento, com vistas a oferecer opções de lazer ao público dos veículos nos quais figura” (Assis, 2011, p. 106).

Essa distinção é importante porque a reportagem “O interior é melhor que a capital” não se limita à função lúdica ou de serviço. Embora trate de música, festas, shows e festivais, seu interesse não é apenas indicar opções culturais ao leitor. O produto se afasta de uma lógica de agenda e busca compreender os bastidores de sustentação de uma cena. Nesse sentido, aproxima-se de um jornalismo cultural reflexivo, capaz de cruzar informação, crítica e contexto. A música, aqui, é ponto de partida para discutir território, circulação, trabalho, memória e disputa de valor.

A relação entre esses autores permite delimitar o lugar teórico do produto. Williams oferece a base para compreender cultura como prática social e modo de vida; Piza (2004) ajuda a pensar o jornalismo cultural como mediação crítica e busca por informação; Tavares (2009) fundamenta a especialização como recorte temático, metodologia e produção de novos formatos jornalísticos; Melo e Assis ajudam a situar formalmente a reportagem no campo dos gêneros e especialidades jornalísticas. Juntos, esses referenciais sustentam a escolha por uma reportagem multimídia que observa a música autoral do interior paulista para além da superfície do entretenimento.

No desenvolvimento do produto, essa fundamentação se materializa em diversas escolhas editoriais. A primeira delas é a recusa de tratar a cena como objeto menor por estar fora da capital. A segunda é a aposta em uma narrativa longa, capaz de acompanhar personagens, trajetórias e circuitos. A terceira é a construção de um site próprio, em vez de uma peça jornalística isolada, para organizar capítulos, imagens, mapas, infográficos, playlists e materiais complementares. A quarta é a valorização da memória: ao registrar artistas, casas, festivais e comunicadores, a reportagem também produz um documento sobre uma cena em movimento.

Portanto, o eixo de jornalismo cultural e jornalismo especializado fundamenta a própria existência do intê. O projeto parte da compreensão de que cultura não é apenas aquilo que já foi institucionalizado ou consagrado; é também o que se organiza no cotidiano das cidades, nas relações entre pessoas, nos palcos pequenos, nos registros visuais, nas viagens, nos festivais e nas redes de colaboração. Ao assumir esse objeto como digno de investigação jornalística, a reportagem reivindica para a música autoral do interior paulista um tratamento que vá além da divulgação eventual. O produto se coloca como mediação crítica, como exercício de especialização e como tentativa de transformar uma rede cultural muitas vezes dispersa em narrativa pública.

2.2 Reportagem longform, jornalismo literário e entrevista

A escolha por uma reportagem multimídia em formato *longform*, dividida em capítulos, parte da compreensão de que determinados temas jornalísticos não se deixam apreender pela lógica da notícia rápida, do acontecimento isolado ou da cobertura puramente factual. A música autoral no interior paulista, objeto deste Trabalho de Conclusão de Curso, não se resume ao lançamento de discos, à realização de shows ou à existência de determinados festivais.

Trata-se de uma rede de relações culturais, afetivas, territoriais e econômicas, formada por artistas, produtores, casas de show, fotógrafos, comunicadores, públicos e agentes culturais. Para narrar essa rede, foi necessário adotar um formato capaz de articular contexto, personagens, cenas, memória e análise. É nesse ponto que a reportagem de profundidade, o jornalismo literário e a entrevista como prática de escuta se tornam fundamentais para a sustentação teórica do produto.

A reportagem, como formato jornalístico, distingue-se da notícia não apenas pela extensão, mas pela capacidade de ampliar a compreensão de um fenômeno. Em vez de responder apenas ao que aconteceu, quando aconteceu e quem esteve envolvido, a reportagem permite investigar processos, causas, tensões e permanências. No caso do produto “O interior é melhor que a capital: A rede invisível que sustenta a música autoral paulista”, o interesse central não é noticiar um evento específico da cena musical, mas compreender como essa cena se organiza e se sustenta. A narrativa acompanha deslocamentos, casas, festivais, registros, precariedades e formas de permanência cultural. Por isso, a apuração e a escrita exigiram uma abordagem mais próxima da reportagem de profundidade do que da cobertura cultural cotidiana.

Edvaldo Pereira Lima é uma referência importante para pensar essa dimensão ampliada da reportagem. Ao discutir o livro-reportagem, o autor identifica nesse formato uma possibilidade de expansão do jornalismo para além dos limites da periodicidade e da urgência cotidiana. Segundo Lima, “o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos” (Lima, 1995, p. 29). Embora o produto desenvolvido neste TCC não seja um livro-reportagem impresso, a reflexão do autor ajuda a fundamentar a escolha por uma narrativa longa e estruturada em capítulos no ambiente digital. O WordPress, nesse caso, funciona como suporte para uma reportagem de fôlego, capaz de comportar texto extenso, imagens, mapas, infográficos, playlists e links de aprofundamento.

A aproximação com Lima não deve ser entendida como uma transposição automática do livro-reportagem para a internet, mas como uma referência metodológica e narrativa. O que interessa, neste relatório, é a noção de amplitude: a possibilidade de ultrapassar o tratamento fragmentado do acontecimento e buscar um entendimento mais complexo do objeto. Ao afirmar que o livro-reportagem muitas vezes nasce da inquietude do jornalista que tem algo a dizer com profundidade e não encontra espaço na imprensa cotidiana, o autor aponta para uma tensão que também atravessa o jornalismo cultural contemporâneo (Lima, 1995). Cenas musicais locais, sobretudo quando estão fora dos grandes centros de legitimação, raramente recebem espaço suficiente para serem interpretadas em suas várias camadas. A reportagem multimídia, nesse sentido, responde a uma

lacuna: cria um espaço editorial próprio para observar a música autoral do interior paulista com tempo, densidade e continuidade.

Outro ponto relevante na reflexão de Lima é a passagem do fato isolado para o contexto. Nos produtos jornalísticos de maior fôlego, o presente deixa de ser entendido apenas como atualidade imediata e passa a ser trabalhado como contemporaneidade, isto é, como conjunto de relações que ajudam a interpretar uma época, uma cena ou um processo social. O autor afirma que, no livro-reportagem, “o núcleo central do tempo presente deixa de ser o fato desencadeador central [...] para ser muito mais o seu contexto” (Lima, 1995, p. 31). Essa formulação dialoga diretamente com o produto desenvolvido no intê. A reportagem não parte de um único fato desencadeador, mas de uma constelação de acontecimentos, trajetórias e vozes: turnês, festivais, casas de show, leis municipais, registros fotográficos, festas independentes e artistas que circulam entre cidades.

Nesse sentido, o formato *longform* não foi escolhido apenas por uma preferência estética. Ele decorre da própria natureza do objeto. Uma cena cultural não aparece inteira em uma notícia. Ela se revela por acúmulo: nos nomes que se repetem, nas cidades que se conectam, nas casas que abrem espaço, nos fotógrafos que registram, nos produtores que articulam, nos artistas que insistem e nos públicos que acompanham. A divisão da reportagem em Prelúdio, capítulos e Epílogo responde a essa necessidade de decompor a cena em eixos interpretativos. Cada parte observa uma dimensão da rede: o garimpo inicial, a estrada, o palco, a ascensão, o megafone, o rascunho, a memória e a permanência do interior como território vivo de produção cultural.

A reportagem *longform*, portanto, aproxima-se do livro-reportagem na busca pela profundidade, mas se diferencia dele pelo suporte e pela experiência de leitura. No ambiente digital, o texto longo pode ser combinado a recursos multimídia que ampliam a compreensão do leitor. Fotografias situam visualmente artistas e espaços; mapas ajudam a compreender a dimensão territorial da cena; infográficos organizam dados e legislações; playlists permitem que a leitura seja atravessada pela escuta; links e *embeds* conectam a reportagem a arquivos externos. O formato longo, nesse caso, não é apenas extensão textual. É uma arquitetura narrativa em que texto, imagem, som e navegação se articulam para construir uma leitura mais ampla do fenômeno cultural investigado.

A profundidade, entretanto, não se sustenta apenas no tamanho do texto. Ela depende do modo como o material é apurado, organizado e narrado. É nesse ponto que o jornalismo literário aparece como outro eixo fundamental. Felipe Pena propõe o jornalismo literário como um campo que articula os procedimentos do jornalismo com recursos expressivos da literatura, sem abandonar o compromisso com a factualidade. Para o autor, o conceito não significa simplesmente escrever de forma mais bonita ou “literária”; ele envolve potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões mais amplas da realidade, romper com as correntes burocráticas do *lide* e garantir profundidade e permanência aos relatos (Pena, 2006).

Essa perspectiva é importante para afastar uma compreensão equivocada do jornalismo literário como a ficcionalização do real. No produto desenvolvido neste TCC, os recursos narrativos não têm a função de inventar cenas, personagens ou diálogos. Eles servem para organizar jornalisticamente a experiência apurada. A abertura em tom narrativo, as descrições de ambientes, o uso de falas diretas, a construção de personagens e a costura analítica não substituem a apuração; dependem dela. A cena musical do interior paulista é narrada com recursos de linguagem, mas a base do texto permanece jornalística: entrevistas, observação, documentos, dados, registros, fontes e checagem.

Pena observa que o jornalista literário não abandona os princípios do jornalismo diário; ao contrário, desenvolve-os para construir novas estratégias profissionais. A apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a clareza continuam sendo fundamentos do trabalho (Pena, 2006). Essa formulação é decisiva para compreender a posição adotada pela reportagem. O texto de “O interior é melhor que a capital” não se organiza segundo a pirâmide invertida, nem tenta concentrar todas as informações essenciais no primeiro parágrafo. A narrativa avança por cenas, personagens e argumentos. Ainda assim, sua legitimidade depende do mesmo compromisso jornalístico com a precisão, a escuta e a responsabilidade diante das fontes.

A ruptura com o *lide* tradicional, portanto, não significa abandono da informação. Significa outra forma de organizar a informação. Em uma reportagem sobre a música autoral do interior paulista, começar por uma cena, por uma imagem ou por um percurso de escuta pode ser mais adequado do que iniciar com uma síntese informativa rígida. A cena cultural investigada é fragmentada, dispersa e,

muitas vezes, invisível para a grande imprensa. O jornalismo literário permite construir aproximação gradual, oferecendo ao leitor não apenas dados sobre a cena, mas uma experiência de entrada nesse universo. O Prelúdio, por exemplo, opera como gesto de garimpo: apresenta nomes, sinais, repetições e indícios que, aos poucos, revelam uma rede cultural.

Outra contribuição de Pena está na defesa da permanência. Para o autor, o jornalismo literário deve produzir textos que ultrapassem a efemeridade do consumo imediato. Esse ponto dialoga diretamente com uma das preocupações centrais da reportagem: a memória. Ao registrar festivais, casas, artistas, fotógrafos e comunicadores, o produto não apenas informa sobre o presente; ele cria um documento sobre uma cena em movimento. A perenidade, nesse caso, não se limita à durabilidade do texto, mas à possibilidade de que a reportagem funcione como arquivo, referência e vestígio de uma produção cultural que, muitas vezes, depende de registros dispersos em redes sociais, cartazes, vídeos e lembranças individuais.

A dimensão literária do produto também aparece na construção dos personagens. Em vez de tratar artistas e produtores apenas como fontes funcionais, a reportagem busca situá-los em seus contextos de atuação. Maria Ester, os integrantes de bandas autorais, os organizadores de festivais, os representantes de casas de show, fotógrafos e comunicadores aparecem não apenas como transmissores de informação, mas como sujeitos que ajudam a dar forma à cena. Essa construção não elimina a análise; ao contrário, permite que a análise nasça da relação entre experiência individual e processo coletivo. A cena se torna compreensível porque é narrada a partir de pessoas que a produzem, circulam por ela e lidam com seus limites concretos.

A entrevista é o procedimento que torna essa construção possível. Cremilda Medina oferece uma contribuição fundamental ao pensar a entrevista não como técnica mecânica de extração de informações, mas como relação comunicativa. A autora compreende a entrevista como uma forma de mediação social, na qual o jornalista se aproxima do outro por meio de uma escuta que envolve linguagem, contexto, subjetividade e responsabilidade. Em Povo e personagem, Medina afirma: “Tome-se um dos instrumentos de trabalho como exemplo: a entrevista, um dos principais braços da mediação social. Ou então a observação do comunicador, seu olhar sobre o povo que se transforma em personagem” (Medina, 1996, p. 7).

Essa formulação ajuda a pensar a metodologia da reportagem. Ao entrevistar artistas, produtores, fotógrafos e agentes culturais, o trabalho não buscou apenas declarações pontuais para confirmar hipóteses previamente estabelecidas. As entrevistas funcionaram como espaços de escuta e descoberta. Muitas vezes, foi a fala das fontes que indicou caminhos de interpretação: a importância da circulação, os custos da estrada, a centralidade das casas de show, a dificuldade de registrar uma cena, a precariedade da produção independente e a tensão entre paixão e estrutura. A entrevista, nesse sentido, não aparece apenas como coleta de aspas, mas como processo de construção do próprio olhar jornalístico.

A perspectiva de Medina também é importante porque desloca o repórter da posição de superioridade diante da fonte. Em uma reportagem sobre cena cultural independente, esse cuidado é fundamental. Muitos dos personagens entrevistados não são celebridades consagradas, nem fontes oficiais acostumadas à exposição midiática. São artistas, produtores e comunicadores que vivem a cena no cotidiano, muitas vezes em condições de trabalho instáveis e com pouca visibilidade fora de seus circuitos. A escuta jornalística precisa reconhecer essa experiência sem instrumentalizá-la. Transformar uma fonte em personagem não significa romantizá-la, mas compreender sua inserção em uma rede social e cultural mais ampla.

A entrevista como diálogo também permite que a reportagem preserve a complexidade das falas. Em vez de usar as fontes apenas para ilustrar argumentos do repórter, o texto busca construir uma relação entre testemunho, análise e contexto. As falas diretas aparecem como parte da estrutura narrativa, não como ornamento. Elas revelam percepções, contradições, afetos e interpretações dos próprios agentes culturais. Em uma reportagem sobre música autoral, essa presença das vozes é ainda mais significativa: o objeto investigado é sonoro, coletivo e relacional. Dar espaço às vozes da cena é também uma forma de respeitar a natureza do tema.

Gay Talese (2004), como referência do New Journalism, contribui para pensar a importância da observação e da atenção aos personagens que sustentam estruturas maiores sem necessariamente ocupar o centro dos holofotes. Sua obra é frequentemente associada à apuração minuciosa, à construção de cenas e ao interesse por figuras que orbitam o universo da fama e do anonimato. Essa perspectiva dialoga com a proposta da reportagem “O interior é melhor que a

capital”, especialmente porque o produto se interessa pela “rede invisível” da música autoral paulista. O foco não recai apenas sobre artistas em evidência, mas também sobre produtores, casas, fotógrafos, comunicadores e pessoas que tornam a cena possível.

A referência a Talese deve ser compreendida mais como inspiração prática do que como modelo rígido. O produto não reproduz integralmente os procedimentos do New Journalism norte-americano, nem pretende assumir a mesma relação entre repórter, tempo de imersão e convivência prolongada. Ainda assim, sua influência ajuda a justificar a atenção aos bastidores, aos detalhes de ambiente e aos personagens secundários. Em vez de narrar apenas o show enquanto acontecimento final, a reportagem observa os caminhos que o antecedem e o sucedem: a estrada, a montagem, a divulgação, o registro, a circulação posterior das imagens e a memória que fica depois da apresentação.

A articulação entre Lima (1995), Pena (2006), Medina (1996) e Talese (2004) permite compreender a forma final do produto. De Lima, a reportagem toma a necessidade de amplitude e contextualização; de Pena (2006), a legitimidade do jornalismo literário como forma de potencializar os recursos narrativos do jornalismo; de Medina, a entrevista como diálogo e mediação social; de Talese, a atenção à observação, aos personagens e àquilo que sustenta a cena fora do primeiro plano. Esses referenciais se cruzam na defesa de um jornalismo que não abdica da apuração, mas recusa a ideia de que a objetividade precise resultar em linguagem empobrecida, distanciamento excessivo ou invisibilização das experiências humanas.

No contexto do intê, essa escolha formal tem relação direta com a proposta editorial do projeto. Um site de jornalismo cultural dedicado a uma reportagem sobre música autoral no interior paulista precisa oferecer ao leitor mais do que informações dispersas. Precisa construir um percurso. A divisão em capítulos cumpre essa função: cada parte amplia uma dimensão do tema e prepara a seguinte. A estrada mostra a circulação; o palco revela os espaços de encontro; a ascensão discute visibilidade; o megafone observa festivais e amplificação; o rascunho aborda precariedade e experimentação; a memória reflete sobre registro; o Epílogo reúne os fios. Essa estrutura seria difícil de sustentar em uma reportagem curta ou em um produto guiado apenas pela lógica da notícia.

A opção pelo *longform* também responde à própria invisibilidade do objeto. Cenas culturais independentes, especialmente fora dos grandes centros, costumam aparecer de forma fragmentada: um post de divulgação, uma matéria pontual, uma cobertura de festival, uma entrevista isolada. O produto desenvolvido neste TCC tenta reunir esses fragmentos em uma narrativa contínua. Ao fazer isso, não pretende esgotar a cena musical do interior paulista, mas oferecer um modo de leitura sobre ela. A reportagem de profundidade permite justamente isso: não capturar a totalidade do real, mas organizar um recorte interpretativo suficientemente denso para revelar relações que a cobertura episódica tende a apagar.

Por essa razão, a fundamentação em reportagem *longform*, jornalismo literário e entrevista não se limita à forma do texto. Ela alcança a própria ética do produto. Narrar uma cena cultural exige decidir quem será ouvido, como será ouvido, quais vozes terão espaço, quais imagens serão usadas e que tipo de memória será construída. A escrita longa amplia a responsabilidade do repórter porque dá mais espaço à interpretação. A presença autoral, nesse caso, precisa ser controlada pela apuração: o texto pode ter ritmo, cenas e densidade ensaística, mas não pode perder de vista que trabalha com pessoas, histórias e contextos reais.

Assim, o produto “O interior é melhor que a capital” se apoia em uma tradição jornalística que entende profundidade como método, narrativa como forma de conhecimento e entrevista como relação. A reportagem multimídia não se justifica apenas por ser longa, mas por buscar uma compreensão mais ampla da música autoral no interior paulista. O *longform* oferece espaço; o jornalismo literário oferece recursos narrativos; a entrevista oferece escuta; e a apuração organiza essas dimensões em um produto jornalístico. O resultado é uma narrativa que tenta fazer da cena musical não apenas um tema, mas uma experiência de leitura, escuta e reconhecimento.

2.3 Jornalismo digital, multimídia e experiência de leitura

A definição do produto deste Trabalho de Conclusão de Curso como o site intê — jornalismo cultural, desenvolvido em WordPress e estruturado a partir de uma reportagem multimídia em capítulos, exige compreender o ambiente digital não apenas como suporte de circulação, mas como parte constitutiva da linguagem jornalística. A reportagem “O interior é melhor que a capital: A rede invisível que

sustenta a música autoral paulista” poderia, em tese, existir como texto impresso, ensaio fotográfico, documentário ou série de entrevistas. No entanto, a opção pelo site decorre da tentativa de articular texto longo, imagens, mapas, infográficos, playlists, links e outros elementos de navegação em uma experiência de leitura própria do jornalismo digital. Assim, o WordPress não funciona apenas como local de publicação, mas como arquitetura narrativa e editorial do produto.

No jornalismo digital, o conteúdo não se limita à migração de textos de um meio tradicional para outro. João Canavilhas chama atenção para essa distinção ao diferenciar o “jornalismo online” do “webjornalismo”. Para o autor, o chamado jornalismo online seria, muitas vezes, apenas a transposição de práticas do jornalismo impresso, radiofônico ou televisivo para a internet. O webjornalismo, por sua vez, pode explorar as potencialidades próprias da rede, especialmente a convergência entre texto, som e imagem em movimento (Canavilhas, 2001). Essa diferença é fundamental para pensar o intê. O projeto não foi concebido como um arquivo digital de textos prontos, mas como um produto em que a leitura se organiza a partir das possibilidades do ambiente online.

Canavilhas observa que “o chamado ‘jornalismo online’ não é mais do que uma simples transposição dos velhos jornais escritos, radiofônicos e televisivos para um novo meio” (Canavilhas, 2001, p. 1). Em seguida, afirma que o jornalismo na web pode ir além dessa transposição, explorando a convergência entre texto, som e imagem para oferecer um produto novo, a “webnotícia” (Canavilhas, 2001). Embora a reportagem desenvolvida neste TCC não seja uma notícia em sentido estrito, a reflexão do autor ajuda a compreender a diferença entre publicar uma reportagem em um site e produzir uma reportagem pensada para a web. No primeiro caso, a internet funciona como vitrine; no segundo, ela interfere na estrutura, no ritmo, na navegação e na relação do leitor com o conteúdo.

A reportagem “O interior é melhor que a capital” foi pensada a partir dessa segunda possibilidade. Sua divisão em Prelúdio, capítulos e Epílogo permite que o leitor percorra a narrativa de modo sequencial, mas também que reconheça cada parte como uma unidade temática. A estrada, o palco, a ascensão, o megafone, o rascunho e a memória são eixos de leitura que organizam diferentes dimensões da cena musical. Essa estrutura se aproxima da lógica hipertextual porque evita reduzir a reportagem a um único bloco contínuo de texto. O leitor pode seguir a ordem

proposta, mas também pode retornar a capítulos específicos, acessar links externos, ampliar imagens, ouvir músicas e consultar elementos visuais de apoio.

A hipertextualidade é, nesse sentido, um dos aspectos centrais do produto. Para Canavilhas, a notícia na web deve considerar que o leitor pode assumir um papel mais ativo diante da informação, estabelecendo seu próprio percurso de leitura. O autor aponta que, no webjornalismo, “não faz qualquer sentido utilizar uma pirâmide, mas sim um conjunto de pequenos textos hiperligados entre si” (Canavilhas, 2001, p. 3). Essa formulação não significa abandonar a organização jornalística, mas repensá-la. Em vez de concentrar todo o sentido em uma abertura rígida, o texto digital pode distribuir níveis de informação por blocos, links e complementos, permitindo aprofundamentos sucessivos.

No caso do intê, essa lógica aparece na relação entre a página inicial, a página de capítulos e os posts individuais da reportagem. A página inicial introduz o projeto e apresenta a proposta editorial; a página de capítulos funciona como índice visual e narrativo; cada capítulo desenvolve uma dimensão específica do argumento geral. Essa organização cria uma experiência de navegação em camadas. O leitor pode entrar pelo início, acompanhar a narrativa completa ou acessar diretamente um capítulo de interesse. Assim, a reportagem não exige uma única forma de leitura, embora proponha um percurso editorial claro.

A noção de “pirâmide deitada”, desenvolvida por Canavilhas em seus estudos sobre webjornalismo, também ajuda a compreender essa arquitetura. Em oposição à pirâmide invertida tradicional, voltada à hierarquização rígida da informação em ordem decrescente de importância, a pirâmide deitada pressupõe uma organização em níveis, na qual o leitor pode partir de uma informação essencial e avançar para blocos de aprofundamento, contextualização e exploração. Ainda que a reportagem do intê não adote esse modelo de modo mecânico, ela se aproxima dessa lógica ao construir capítulos temáticos que expandem o mesmo problema jornalístico: como a música autoral do interior paulista se organiza, circula e constrói memória fora da centralidade da capital.

Essa estrutura também responde a uma exigência prática do *longform* digital. Um texto extenso publicado em ambiente online precisa oferecer ao leitor pontos de orientação. Intertítulos, imagens, mapas, infográficos, citações destacadas, links e divisões em capítulos não são apenas recursos estéticos; são formas de organizar a experiência de leitura. No produto desenvolvido, esses elementos ajudam a evitar

que a reportagem seja percebida como um bloco homogêneo e cansativo. Eles criam respiros, marcam transições e oferecem entradas visuais e sonoras para diferentes partes do tema.

A presença de elementos multimídia, no entanto, não pode ser confundida com acúmulo de recursos. Canavilhas adverte que não basta juntar à notícia um conjunto de elementos multimídia, pois isso pode gerar redundância ou ruído (Canavilhas, 2001). Essa observação é importante para o relatório porque orienta a compreensão dos recursos usados no intê. Fotografias, mapas, infográficos e playlists não foram pensados como decoração. Cada elemento cumpre uma função jornalística específica. As fotografias registram pessoas, palcos, festas e atmosferas; os mapas tornam visível a dimensão territorial da cena; os infográficos sintetizam dados e legislações; as playlists aproximam a leitura da escuta; os links conectam a reportagem a documentos, artistas, festivais e referências externas.

Essa articulação entre diferentes linguagens aproxima o produto das discussões de Ramón Salaverría sobre convergência multimídia. O autor recusa uma compreensão restrita da convergência como fenômeno puramente tecnológico. Em sua perspectiva, a convergência envolve dimensões empresariais, tecnológicas, profissionais e comunicativas, afetando métodos de trabalho, linguagens e formas de distribuição dos conteúdos (Salaverría; García Avilés, 2008). Essa compreensão amplia a análise do produto: o WordPress é importante, mas não esgota a dimensão digital da reportagem. A convergência também aparece na atuação do repórter, que precisa apurar, escrever, selecionar imagens, organizar links, pensar a arquitetura do site, produzir ou orientar infográficos e considerar a leitura em diferentes dispositivos.

No projeto intê, essa dimensão profissional é especialmente evidente. O produto experimental exigiu uma atuação jornalística que ultrapassou a redação do texto. Foi necessário organizar a reportagem no ambiente digital, definir páginas, menus, categorias, imagens destacadas, resumos, SEO, créditos, embeds e navegação interna. O jornalista, nesse contexto, aproxima-se da figura do profissional multiplataforma, não no sentido de acumular funções de modo precarizado, mas de compreender como cada linguagem contribui para o resultado final. A reportagem multimídia exige uma consciência editorial sobre o papel do texto, da imagem, do som e da visualização de dados.

A contribuição de Salaverría também ajuda a diferenciar multimídia de simples justaposição. Uma reportagem não se torna multimídia apenas porque inclui uma fotografia ou um vídeo. Ela se torna multimídia quando os recursos são integrados de modo significativo ao conteúdo jornalístico. Em “O interior é melhor que a capital”, a música autoral do interior paulista é um objeto que pede essa integração. O texto permite análise e costura narrativa; as imagens oferecem presença visual aos personagens e espaços; as playlists devolvem ao leitor a dimensão sonora do tema; os mapas explicitam a circulação entre cidades; os infográficos condensam dados sobre políticas culturais, mercado musical e legislação. Cada linguagem contribui para uma compreensão que seria mais limitada se dependesse apenas do texto verbal.

A convergência, contudo, não se dá apenas no nível da produção. Henry Jenkins contribui para pensar a cultura digital como um ambiente em que conteúdos circulam por múltiplas plataformas e em que os públicos assumem papel mais ativo na busca, na conexão e na interpretação das informações. Para Jenkins, a convergência não deve ser entendida apenas como um processo tecnológico de reunião de funções em um mesmo aparelho, mas como uma transformação cultural, na qual os sujeitos são incentivados a buscar novas informações e estabelecer conexões entre conteúdos dispersos (Jenkins, 2006). Essa formulação dialoga com o produto porque a reportagem sobre a música autoral não se encerra em si mesma. Ela remete a músicas, vídeos, perfis, documentos, fotografias, festivais e registros que circulam em diferentes espaços digitais.

A noção de cultura da convergência ajuda a compreender a experiência do leitor do intê. Ao acessar a reportagem, o leitor não encontra apenas um texto fechado, mas um conjunto de caminhos possíveis. Pode ler uma fala de um artista e depois buscar sua música; pode ver uma fotografia de show e acessar a rede social do evento; pode consultar um mapa e reconhecer cidades próximas; pode ouvir uma playlist enquanto lê o capítulo; pode abrir documentos oficiais e compreender melhor o contexto de uma lei ou política cultural. A leitura se aproxima, assim, de um processo de montagem. O leitor articula informações vindas de diferentes linguagens e plataformas para construir uma compreensão mais ampla da cena.

É preciso, porém, usar com cuidado o conceito de narrativa transmídia no caso deste TCC. Jenkins desenvolve essa noção sobretudo a partir de universos ficcionais e experiências de entretenimento em que partes de uma história são

distribuídas por diferentes meios, com cada plataforma oferecendo uma contribuição própria para o todo. A reportagem do intê não constitui uma narrativa transmídia nesse sentido estrito, pois permanece organizada em torno de um site principal. Ainda assim, aproxima-se de alguns princípios da lógica transmídia ao distribuir a compreensão do tema por elementos distintos — texto, fotografia, mapa, infográfico, playlist e links — que não repetem simplesmente a mesma informação, mas acrescentam camadas à experiência jornalística.

Essa aproximação é produtiva porque evita pensar a multimídia como ilustração. Em uma reportagem sobre música, a playlist não é mero adereço; ela oferece ao leitor a possibilidade de escutar os artistas citados. O mapa não é apenas elemento visual; ele evidencia a dimensão territorial da cena. O infográfico não é decoração; ele organiza informações que poderiam se perder em parágrafos densos. A fotografia não substitui a descrição, mas registra atmosferas, corpos, palcos e modos de ocupação. Assim, cada meio contribui de forma específica para o entendimento do fenômeno, ainda que o produto mantenha sua unidade editorial no site.

A reflexão de Jenkins (2006) também permite pensar a circulação digital da reportagem. A música independente contemporânea já existe em um ambiente de circulação fragmentada: artistas divulgam trabalhos em plataformas de streaming, festivais comunicam programações pelas redes sociais, fotógrafos publicam registros no Instagram, casas de show anunciam eventos por aplicativos de mensagem e públicos constroem memória em arquivos pessoais. Ao produzir uma reportagem multimídia sobre essa cena, o intê dialoga com esse ecossistema. O produto não inventa uma circulação digital, mas organiza jornalisticamente fluxos que já fazem parte da existência da música autoral no interior paulista.

Lucia Santaella (2013) contribui para aprofundar essa discussão a partir da experiência do leitor. Ao pensar os modos de leitura em ambientes digitais, a autora descreve um sujeito que transita entre diferentes linguagens, suportes e contextos de atenção. O leitor contemporâneo não se limita ao modelo contemplativo da leitura impressa, nem abandona inteiramente essa postura. Ele combina momentos de concentração, deslocamento, escaneamento visual, navegação hipertextual e interação com conteúdos multimídia. O conceito de leitor ubíquo, nesse sentido, ajuda a compreender a recepção de uma reportagem digital longa em um contexto de atenção fragmentada e múltiplos dispositivos.

Santaella afirma que “o que caracteriza o leitor ubíquo é uma prontidão cognitiva ímpar para orientar-se entre nós e nexos multimídia, sem perder o controle da sua presença e do seu entorno no espaço físico em que está situado” (Santaella, 2013, p. 20). Essa formulação é importante para o relatório porque o produto foi pensado para ser acessado tanto em desktop quanto em celular. A leitura de uma reportagem multimídia não ocorre necessariamente em uma sessão única, silenciosa e linear. O leitor pode acessar o capítulo inicial em um computador, retornar ao texto pelo celular, ouvir uma playlist em outro momento, abrir uma imagem em tela ampliada ou compartilhar um trecho com outra pessoa. A experiência de leitura se torna descontínua, mas ainda pode ser orientada por uma arquitetura editorial coerente.

Por isso, a preocupação com navegação, intertítulos, imagens destacadas e responsividade não é apenas técnica. Ela faz parte da própria construção jornalística. Um texto *longform* no ambiente digital precisa considerar que o leitor pode entrar e sair da página, avançar por blocos, voltar ao índice, abrir links externos e alternar entre leitura e escuta. No intê, a página de capítulos, os títulos de seção, as linhas finas, os elementos visuais e os recursos de navegação procuram responder a essa condição. A experiência de leitura é planejada para oferecer continuidade sem exigir rigidez absoluta.

A discussão de Santaella também ajuda a pensar a relação entre profundidade e dispersão. Muitas vezes, o ambiente digital é associado apenas à fragmentação e à velocidade. Entretanto, a reportagem multimídia demonstra que a web também pode abrigar experiências de leitura densa, desde que o conteúdo seja organizado de modo a respeitar as formas contemporâneas de atenção. A profundidade não depende exclusivamente de longos blocos de texto; ela pode ser construída pela articulação entre capítulos, documentos, imagens, mapas e sons. O leitor é convidado a permanecer, mas essa permanência é mediada por múltiplas entradas.

Nesse sentido, o produto “O interior é melhor que a capital” se apoia em uma concepção de jornalismo digital que combina arquitetura informacional e experiência cultural. A reportagem investiga uma cena musical que já se organiza em rede, atravessada por deslocamentos físicos e digitais. A forma escolhida tenta corresponder ao objeto: uma rede cultural é narrada por meio de uma estrutura também reticular, composta por capítulos, links, imagens, mapas e sons. O digital,

portanto, não aparece apenas como solução de publicação gratuita ou acessível, mas como linguagem adequada para representar um fenômeno distribuído.

Essa escolha também tem implicações para o jornalismo cultural. Em vez de restringir a cobertura musical à crítica de álbuns, à agenda de shows ou à entrevista promocional, o site permite combinar reportagem, documentação, escuta e memória. A página digital torna possível reunir elementos que, em outros formatos, ficariam separados: o texto analítico, a fotografia documental, o mapa territorial, o dado organizado visualmente, a trilha sonora e os links para fontes externas. O resultado é uma experiência de leitura que procura dar ao leitor não apenas informação sobre a cena, mas uma forma de atravessá-la.

A fundamentação em Canavilhas (2001), Salaverría e García Avilés (2008), Jenkins (2006) e Santaella (2013) permite, portanto, compreender o intê como produto jornalístico digital em sentido pleno. Canavilhas sustenta a especificidade do webjornalismo e da hipertextualidade; Salaverría ajuda a pensar a convergência como integração de linguagens e métodos profissionais; Jenkins amplia a compreensão da circulação entre plataformas e da cultura da convergência; Santaella contribui para pensar o leitor contemporâneo diante de ambientes multimídia. Esses referenciais sustentam a escolha por uma reportagem que não apenas está na internet, mas é estruturada a partir das possibilidades narrativas, visuais, sonoras e navegacionais do ambiente digital.

Assim, a seção digital e multimídia do relatório não deve ser compreendida como um complemento técnico. Ela é central para explicar o produto experimental. O WordPress, os capítulos, os mapas, os infográficos, as playlists, os links, as imagens destacadas e a navegação interna fazem parte da forma jornalística escolhida para representar uma cena cultural complexa. A reportagem multimídia, nesse caso, não substitui a apuração nem a escrita; amplia seus modos de apresentação. Ao articular leitura, escuta, visualidade e percurso, o intê transforma a investigação sobre a música autoral do interior paulista em uma experiência jornalística compatível com o objeto que pretende narrar: uma rede viva, fragmentada, coletiva e em circulação.

2.4 Cena musical, território e circulação

A reportagem “O interior é melhor que a capital: A rede invisível que sustenta a música autoral paulista” parte de uma premissa central: a música autoral

produzida fora da capital não pode ser compreendida apenas pela soma de artistas, bandas, casas de show ou festivais isolados. O objeto investigado é uma rede de práticas culturais que se organiza em cidades, trajetos, palcos, registros, vínculos afetivos, relações de trabalho e formas de circulação. Por isso, a noção de cena musical, articulada aos conceitos de território e circulação, torna-se fundamental para compreender o produto jornalístico desenvolvido no intê.

A palavra “cena” é frequentemente utilizada no vocabulário cotidiano para designar grupos artísticos, movimentos musicais ou ambientes de sociabilidade. No entanto, sua força analítica está justamente no fato de não se limitar a um gênero musical, a um mercado consumidor ou a uma comunidade fixa. Will Straw, um dos principais autores associados à sistematização do conceito, compreende a cena como um agrupamento de atividades sociais e culturais que pode ser distinguido por sua localização, por um gênero de produção cultural ou por uma atividade social em torno da qual determinadas práticas tomam forma (Straw, 2004). A cena, portanto, não é apenas o local onde a música acontece; é o conjunto instável de práticas, pessoas, espaços, linguagens e relações que tornam possível a existência de uma vida cultural.

Essa definição é importante para este TCC porque permite observar a música autoral do interior paulista para além da ideia de “mercado musical”. A reportagem não investiga somente os produtos finais dessa cena — músicas, discos, shows ou festivais —, mas também os modos pelos quais esses produtos circulam, são sustentados e ganham sentido. Ao longo da apuração, artistas, produtores, casas de show, festivais, fotógrafos, comunicadores e públicos aparecem como partes de uma mesma configuração.

A cena existe justamente nessa articulação: uma banda precisa de espaços para tocar; uma casa de show depende de público e programação; um festival amplia circuitos de circulação; uma fotografia registra e prolonga a memória do acontecimento; uma cobertura jornalística torna visível aquilo que, muitas vezes, permanece restrito a redes locais.

Straw observa que a cena designa agrupamentos particulares de atividade social e cultural sem especificar de modo rígido a natureza das fronteiras que os delimitam (Straw, 2004). Essa característica é decisiva para pensar a cena musical do interior paulista. O objeto da reportagem não possui fronteiras geográficas absolutamente estáveis. Ele passa por Bauru, Campinas, Sorocaba, Santa Bárbara

d'Oeste, Americana, Salto, Hortolândia, Marília e outras cidades, mas não se reduz a um mapa administrativo. A rede investigada se forma por afinidades, deslocamentos, convites, festivais, amizades, colaborações, trocas de público e circulação de registros. Por isso, mais do que perguntar onde exatamente começa ou termina essa cena, a reportagem pergunta como ela se move, quais relações produz e que tipo de território ajuda a construir.

A contribuição de Straw também é produtiva porque aproxima música e sociabilidade. O autor observa que as práticas associadas às cenas envolvem comer, beber, dançar, conversar, circular, ocupar espaços e negociar relações entre ruído, música, atenção, distração, movimento humano e formas físicas que abrigam esses encontros (Straw, 2004). Essa formulação permite compreender por que a reportagem não se limita ao palco ou à canção. Uma cena musical é feita também de bares, filas, bastidores, pistas, cartazes, ruas, redes sociais, deslocamentos e conversas. Ao entrevistar agentes culturais e observar os ambientes nos quais a música acontece, o produto busca captar justamente essa dimensão expandida da cena.

Nesse sentido, o título “O interior é melhor que a capital” não deve ser lido como uma simples comparação valorativa entre espaços geográficos. Trata-se de uma provocação jornalística que tensiona a centralidade simbólica da capital como medida quase automática de legitimidade cultural. Ao observar a cena musical autoral do interior, a reportagem busca mostrar que a produção cultural não depende exclusivamente dos grandes centros para existir, circular e produzir sentido. O interior não aparece como ausência, falta ou periferia passiva, mas como território de articulação, invenção e permanência.

Para desenvolver essa compreensão, a obra de Milton Santos oferece uma base teórica essencial. O geógrafo brasileiro propõe pensar o espaço geográfico como resultado de relações entre sistemas de objetos e sistemas de ações, recusando uma visão estática do território. Em “O retorno do território”, Santos afirma que “é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social” (Santos, 2005, p. 255). Essa formulação é decisiva para o presente trabalho, pois desloca o olhar do território como simples superfície física para o território como espaço vivido, apropriado e transformado por práticas sociais.

A reportagem sobre a música autoral no interior paulista parte justamente dessa noção de território usado. As cidades não são tratadas como cenários neutros

nos quais a música se apresenta, mas como espaços atravessados por usos, disputas, afetos e possibilidades materiais. Uma casa de show pequena, uma rua ocupada por uma festa, uma rota de turnê, um festival em cidade média ou uma rede de fotógrafos e comunicadores locais são formas de uso do território. Elas revelam que a cena musical não paira acima do espaço; ela se realiza no espaço, depende dele e, ao mesmo tempo, o transforma.

A distinção proposta por Santos (2005) entre verticalidades e horizontalidades também contribui para compreender a tensão entre capital, mercado e interior. As verticalidades dizem respeito a fluxos e comandos que conectam pontos distantes a partir de lógicas externas, muitas vezes associadas ao poder econômico, técnico ou institucional. As horizontalidades, por sua vez, estão ligadas à contiguidade, aos lugares vizinhos, às relações de proximidade e aos vínculos que se constroem no cotidiano (SANTOS, 2005). Essa distinção ajuda a interpretar a música autoral do interior como rede que se fortalece por relações horizontais: artistas que se indicam, produtores que compartilham contatos, casas que abrem agenda, festivais que formam público e registros que circulam entre cenas próximas.

A reportagem não ignora a existência das verticalidades. Pelo contrário, elas aparecem quando se considera a centralização do mercado musical, a dependência de plataformas digitais, os critérios de visibilidade algorítmica, a concentração de oportunidades nas capitais e as assimetrias de fomento. No entanto, o interesse do produto está em mostrar como, diante dessas forças, o interior cria formas próprias de circulação. A estrada, nesse sentido, é mais do que deslocamento físico. Ela é uma infraestrutura cultural produzida por agentes que conectam cidades e tornam possível uma cena supralocal.

Essa leitura dialoga diretamente com Cristiano Nunes Alves, autor que articula geografia crítica e música a partir da análise de circuitos e cenas sonoras. Em seu estudo sobre a cena musical alternativa em Campinas, Alves diferencia a cena do segmento de mercado. Para o autor, enquanto o segmento se refere ao mercado, a cena se aprofunda no mundo de relações, constituindo “um circuito rico de informações do diverso e do maleável, embasado mais em trocas do que em imposições” (Alves, 2018, p. 3). Essa formulação é particularmente adequada ao objeto deste TCC, pois a reportagem não trata a música autoral do interior paulista como nicho mercadológico, mas como rede de relações culturais.

A noção de circuito sonoro permite compreender a circulação musical como processo espacial e comunicacional. Em Alves, a música não é apenas conteúdo artístico; ela movimenta pessoas, informações, afetos, objetos técnicos, espaços e práticas urbanas. O autor chama atenção para os circuitos informacionais ascendentes, isto é, aqueles que emergem dos lugares, das demandas cotidianas e das trocas de experiência entre sujeitos, em contraste com os circuitos descendentes, mais ligados a lógicas externas, mercadológicas e disciplinadoras (Alves, 2018). A cena musical alternativa, nessa perspectiva, é formada por articulações que partem de baixo para cima, criando densidades comunicacionais próprias.

A aplicação dessa ideia ao produto intê é direta. A “rede invisível” investigada pela reportagem pode ser compreendida como um circuito sonoro ascendente. Não se trata de uma estrutura organizada por grandes gravadoras, grandes veículos ou políticas centralizadas de mercado. A rede é produzida por artistas que circulam entre cidades, produtores que constroem festivais, casas que sustentam programações autorais, comunicadores que registram e divulgam, fotógrafos que constroem memória visual e públicos que acompanham a cena. Cada agente funciona como nó de um circuito que se fortalece por trocas e não apenas por imposições de mercado.

Essa perspectiva ajuda também a compreender por que a reportagem enfatiza a circulação. A cena musical do interior paulista não se define apenas pelo lugar de origem dos artistas, mas pelas relações que eles constroem ao circular. Uma banda de Bauru pode tocar em Campinas, encontrar público em Sorocaba, participar de festival em Santa Bárbara d’Oeste, aparecer em registros de fotógrafos locais e ser divulgada por comunicadores de outras cidades. O território da cena não coincide com o município de origem; ele se forma pelos caminhos percorridos, pelos espaços ocupados e pelas conexões ativadas.

Nesse ponto, a noção de interior precisa ser tratada com cuidado. O interior paulista não é homogêneo. Há cidades com estruturas culturais diferentes, níveis distintos de fomento, públicos diversos e relações variadas com a capital. A reportagem não pretende afirmar que existe uma única cena autoral interiorana, coesa e estável. O que ela observa é uma rede de cenas, circuitos e iniciativas que, embora fragmentadas, compartilham problemas e estratégias semelhantes: a busca por palcos, a dificuldade de circulação, a necessidade de registro, a dependência de

relações colaborativas e o desafio de produzir valor cultural fora dos centros mais reconhecidos.

A contribuição de Alves (2018) é especialmente importante porque seu trabalho sobre Campinas aproxima o debate teórico do próprio território paulista. Ao estudar uma cena alternativa em uma cidade que não ocupa o mesmo lugar simbólico da capital, o autor oferece instrumentos para pensar como práticas musicais se enraízam em contextos urbanos específicos. Isso permite ao relatório evitar uma aplicação abstrata de conceitos estrangeiros ao objeto brasileiro. Straw oferece uma base internacional para o conceito de cena; Milton Santos fornece a base geográfica para pensar território; Alves articula essas dimensões no contexto de cenas musicais urbanas brasileiras.

Micael Herschmann e Cíntia Sanmartin Fernandes (2016), utilizados aqui como referência complementar, ampliam a discussão ao trabalhar com a ideia de territorialidades sônico-musicais. Os autores propõem compreender localidades marcadas por práticas musicais recorrentes, intensas e plurais, capazes de produzir efeitos no imaginário e no cotidiano urbano (Herschmann; Fernandes, 2016). Essa perspectiva contribui para pensar os espaços de música ao vivo — casas, festivais, ruas, palcos improvisados e festas — como instâncias que não apenas recebem acontecimentos culturais, mas também modificam a percepção da cidade.

No caso da reportagem, essa discussão aparece de modo claro nos capítulos dedicados ao palco, aos festivais e às festas. Casas de show e eventos independentes não são apenas lugares onde a música é executada. Eles funcionam como pontos de encontro, formação de público, troca de repertório, articulação de artistas e produção de memórias. Quando uma cidade abriga de forma recorrente eventos de música autoral, ela passa a construir uma territorialidade específica: determinados espaços começam a ser reconhecidos como lugares de cena, certos nomes passam a circular, públicos se formam e registros se acumulam. A música, assim, modifica o cotidiano e o imaginário urbano.

A reflexão de Herschmann e Fernandes (2016) também ajuda a diferenciar cenas orgânicas de projetos institucionais de “cidade criativa” ou de branding territorial. Os autores observam que muitas localidades se constituem como cidades musicais ao longo do tempo, por meio de iniciativas de músicos, redes de fãs e empreendedores, sem depender diretamente de intervenções do poder público (Herschmann; Fernandes, 2016). Essa distinção é relevante para o TCC porque a

reportagem não parte de um discurso oficial sobre cultura no interior. Ela parte das práticas concretas de quem produz, circula, registra e sustenta a música autoral no cotidiano.

Essa abordagem evita romantizar a cena. Reconhecer a potência das redes horizontais não significa ignorar suas precariedades. Pelo contrário, a reportagem mostra que muitas dessas articulações se constroem em meio à falta de recursos, à informalidade, à ausência de políticas contínuas, à instabilidade dos espaços e à centralização das oportunidades culturais. A cena existe porque há trabalho, insistência e colaboração, mas essa existência não deve ser confundida com suficiência estrutural. O interior vive, como afirma o Epílogo, porque muita gente trabalha para que ele viva.

A articulação entre cena, território e circulação permite compreender melhor a estrutura narrativa da reportagem. O capítulo “A estrada” trata da circulação como fabricação de caminhos; “O palco” observa os espaços que tornam a cena visível; “A ascensão” discute como artistas constroem reconhecimento; “O megafone” analisa o papel dos festivais na amplificação da cena; “O rascunho” aborda precariedade, experimentação e ocupação noturna; “A memória” reflete sobre registro e permanência; e o Epílogo costura essas dimensões para defender que a cena do interior não é um fenômeno marginal, mas uma rede cultural complexa. Cada capítulo corresponde a uma dimensão teórica da cena: circulação, território, sociabilidade, visibilidade, trabalho e memória.

Essa estrutura também revela que a cena musical não é apenas um objeto empírico, mas um modo de organizar a própria reportagem. O texto foi construído como uma rede: personagens reaparecem, cidades se conectam, elementos visuais mapeiam relações, músicas acompanham a leitura e documentos contextualizam tensões. O formato multimídia reforça essa lógica porque permite representar a cena por diferentes entradas. O mapa mostra a dimensão territorial; as playlists devolvem a dimensão sonora; as fotografias registram corpos e espaços; os infográficos organizam forças institucionais e econômicas; o texto costura as relações. A forma do produto tenta corresponder à forma do objeto.

A noção de circulação é, portanto, central. No jornalismo cultural tradicional, muitas vezes a cobertura musical concentra-se na obra ou no artista. Neste projeto, a obra e o artista são importantes, mas aparecem inseridos em trajetos. A pergunta não é apenas quem canta, toca ou grava, mas como essa música chega a outros

lugares, quem abre espaço para ela, que redes a sustentam e que obstáculos dificultam sua permanência. A circulação transforma a música autoral em prática territorial. Ela revela que a cena não se limita à criação individual, mas depende de uma ecologia de relações.

Também por isso, a reportagem questiona a centralidade da capital. A capital aparece como pólo de visibilidade, mercado, imprensa e oportunidades, mas não como única fonte legítima de cultura. A partir de Santos, é possível compreender que o território usado pelos agentes culturais do interior produz racionalidades próprias, ainda que atravessadas por forças externas. A partir de Straw, entende-se que uma cena pode articular práticas sociais e culturais sem fronteiras fixas. A partir de Alves, observa-se que circuitos sonoros ascendentes podem organizar formas de resistência e criação baseadas em trocas. A partir de Herschmann, percebe-se que a música ao vivo e as territorialidades sonoras modificam o cotidiano das cidades.

Esses referenciais sustentam a ideia de que o interior paulista deve ser observado não como vazio cultural, mas como espaço de produção, circulação e memória. A reportagem não pretende afirmar que o interior é “melhor” em termos absolutos, nem substituir uma hierarquia por outra. A provocação do título busca evidenciar que a capital não pode ser a única régua de valor. A música autoral interiorana tem suas próprias formas de existência, muitas vezes menos institucionalizadas, mas nem por isso menos relevantes. O jornalismo cultural, ao registrar essa rede, contribui para tornar visível uma cena que se constrói nos intervalos entre estrada, palco, festa, arquivo e cidade.

Assim, a fundamentação em cena musical, território e circulação é o eixo que sustenta o argumento central do TCC. Ela permite compreender que a reportagem não é apenas sobre música, mas sobre modos de ocupar e significar o território por meio da música. A cena investigada é feita de canções, mas também de deslocamentos, casas, festivais, registros, afetos, conflitos e práticas de colaboração. O interior paulista aparece como território usado e vivido, atravessado por horizontalidades culturais que desafiam a centralização simbólica da capital. Ao narrar essa rede, o intê assume a função de documentar, interpretar e mediar uma cena em movimento.

3. METODOLOGIA

A metodologia deste projeto experimental foi organizada a partir das etapas necessárias para a produção de uma reportagem multimídia de jornalismo cultural. Por se tratar de um produto jornalístico desenvolvido em ambiente digital, o processo envolveu não apenas a apuração, a realização de entrevistas e a escrita da reportagem, mas também a criação de um projeto editorial próprio, a definição de identidade visual, a produção de elementos multimídia e a montagem final do conteúdo no WordPress.

A reportagem “O interior é melhor que a capital: A rede invisível que sustenta a música autoral paulista” foi desenvolvida dentro do projeto editorial intê — jornalismo cultural e teve como objetivo investigar a música autoral no interior paulista a partir de uma rede de artistas, produtores, casas de show, festivais, registros, fotógrafos, comunicadores e agentes culturais. A metodologia, portanto, combinou procedimentos de pesquisa bibliográfica, apuração jornalística, entrevistas, observação de eventos, análise documental, curadoria de imagens e construção de uma experiência de leitura digital.

O desenvolvimento do trabalho foi dividido em três grandes fases: pré-produção, produção e pós-produção. A pré-produção correspondeu ao momento de descoberta do tema, delimitação do recorte, definição do formato, planejamento editorial e criação da identidade do projeto. A produção envolveu a apuração propriamente dita, a realização de entrevistas, a pesquisa documental, a cobertura de eventos e a escrita dos capítulos. A pós-produção reuniu os procedimentos de revisão textual, edição de imagens, criação de recursos multimídia, estruturação do site, organização da navegação e ajustes finais de publicação.

3.1 Natureza do projeto

Este Trabalho de Conclusão de Curso se caracteriza como um projeto experimental em Jornalismo, cujo produto final é o site intê — jornalismo cultural. A escolha por um produto experimental permitiu articular reflexão teórica e prática jornalística, resultando em uma investigação que não se limita ao texto escrito, mas incorpora recursos próprios do ambiente digital, como fotografias, vídeos, infográficos, mapas, playlists, links, imagens destacadas e organização hipertextual em capítulos.

O produto foi desenvolvido no WordPress, plataforma escolhida por permitir a publicação de conteúdos longos, a organização em páginas e posts, a criação de menus, a inserção de imagens, vídeos, links e embeds, além da possibilidade de estruturar uma navegação própria para a reportagem. A escolha por esse formato se relaciona diretamente ao objeto investigado. Como a cena musical autoral do interior paulista é formada por diferentes agentes, cidades, espaços, registros e trajetos, a estrutura multimídia e fragmentada do site permitiu representar essa rede de maneira mais adequada do que um texto único e linear.

A reportagem foi organizada em Prelúdio, seis capítulos e Epílogo. Essa divisão não teve apenas função estética, mas metodológica e narrativa. Cada capítulo corresponde a um eixo de análise da cena: o surgimento do tema por meio do garimpo de nomes e conexões; a circulação de artistas pelas estradas; a importância dos palcos e casas de show; o crescimento de artistas e festivais; as formas de amplificação e visibilidade; a precariedade e a experimentação das produções independentes; os registros e a memória; e, por fim, uma síntese interpretativa sobre a vitalidade da cena autoral no interior paulista.

A natureza do projeto exigiu uma abordagem qualitativa, voltada à compreensão de processos culturais, relações sociais e experiências dos agentes envolvidos. A reportagem não buscou medir quantitativamente a cena musical do interior paulista, nem produzir um mapeamento totalizante de artistas, festivais ou casas de show. O objetivo foi construir um recorte jornalístico aprofundado, capaz de revelar dinâmicas de circulação, colaboração, precariedade, memória e pertencimento. Assim, as entrevistas, a observação de eventos, a análise de materiais digitais e a pesquisa documental foram mobilizadas para compor uma narrativa interpretativa sobre a rede cultural investigada.

3.2 Pré-produção

A pré-produção do projeto teve início de maneira gradual, antes mesmo da definição formal do tema do TCC. O interesse pela música autoral do interior paulista surgiu a partir do acompanhamento mais frequente da banda Chococorn and the Sugarcane e dos entornos culturais que se articulavam ao redor dela. A partir desse contato inicial, passaram a aparecer portais dedicados à música do interior, bandas relacionadas entre si, registros de shows, festivais independentes e perfis de comunicadores culturais. Esse processo ocorreu, inicialmente, de forma

pouco planejada: ao seguir páginas, artistas e projetos nas redes sociais, uma rede de pontos começou a se tornar perceptível.

Esse acompanhamento informal funcionou como uma primeira etapa de observação exploratória. O que parecia, em um primeiro momento, apenas interesse pessoal por uma banda e por seus circuitos de circulação, passou a indicar a existência de um tema jornalístico. A repetição de nomes, cidades, palcos, fotógrafos, produtores e festivais revelou que havia ali uma cena cultural em funcionamento, ainda pouco sistematizada em narrativas jornalísticas mais amplas. A partir dessa percepção, o tema passou a ser delimitado como objeto de investigação.

A apuração começou no final de 2025, inicialmente por meio desse acompanhamento de perfis, páginas e materiais publicados em redes sociais. Esse movimento de seguir artistas, casas, festivais, portais e agentes culturais funcionou como uma espécie de mapeamento preliminar. Posteriormente, quando a música autoral do interior paulista foi definida como tema do TCC, esse acompanhamento passou a ser organizado de forma mais intencional. Foram mapeadas datas de shows, festivais e eventos que poderiam ser acompanhados presencialmente, além de bandas, comunicadores, produtores e pesquisadores que poderiam contribuir para a investigação.

A escolha do recorte territorial também foi definida nesta etapa. O projeto não pretendia cobrir toda a música independente do estado de São Paulo, nem produzir uma enciclopédia da música autoral fora da capital. O foco recaiu sobre uma rede de cidades do interior paulista que apareciam de forma recorrente nas trajetórias dos artistas, nas programações de festivais e nos relatos das fontes. Entre elas, destacaram-se Bauru, Campinas, Sorocaba, Santa Bárbara d'Oeste, Americana, Salto, Hortolândia, Marília e outras localidades ligadas aos personagens e eventos investigados. A capital paulista aparece na reportagem sobretudo como contraponto simbólico, isto é, como medida de centralidade cultural frequentemente usada para legitimar ou invisibilizar cenas de outros territórios.

Durante a pré-produção, também foi definido que o produto não seria uma reportagem única, mas uma narrativa em capítulos. Essa escolha surgiu da necessidade de tratar as fontes como personagens de uma história mais ampla, construindo um percurso narrativo capaz de conduzir o leitor por diferentes dimensões da cena. A divisão em capítulos permitiu organizar a apuração em eixos

temáticos e, ao mesmo tempo, preservar uma progressão narrativa. A reportagem não parte de um único acontecimento, mas de uma rede; por isso, a estrutura capitular se mostrou mais adequada para articular os diferentes pontos dessa rede.

A criação do projeto editorial intê — jornalismo cultural também fez parte da pré-produção. O nome foi pensado como a “casa” da reportagem, isto é, como o espaço editorial que abrigaria o produto e poderia, posteriormente, ter continuidade em outros conteúdos de jornalismo cultural. A escolha por “intê” se deu pela sonoridade e pela associação direta com o interior, sem transformar o nome em uma descrição literal ou institucional. Além disso, o nome apresentou potencial mercadológico e editorial, podendo funcionar como marca guarda-chuva para futuras produções de crítica, ensaio, reportagem e cobertura cultural.

A identidade visual do projeto foi definida a partir de referências ligadas ao interior paulista, à cultura caipira e ao jornalismo cultural. Um dos principais pontos de partida foi a obra *O Violeiro* (1899), de Almeida Júnior, cujos tons alaranjados e terrosos dialogam com um imaginário visual do interior e da cultura popular paulista. A paleta cromática do site foi construída em torno de tons quentes, especialmente o laranja, em combinação com fundo off-white e preto/grafite. A identidade visual também buscou incorporar elementos jornalísticos, como a logo composta por dois pontos de exclamação, além de valorizar a grafia das próprias palavras e letras como recursos de design.

A escolha pelo WordPress ocorreu nessa mesma fase, considerando a necessidade de uma plataforma acessível, personalizável e capaz de abrigar uma reportagem longa com recursos multimídia. A pré-produção incluiu, portanto, decisões sobre arquitetura do site, páginas principais, organização dos capítulos, uso de imagens destacadas, formato dos posts, menus de navegação e possibilidade de inserção de recursos externos, como vídeos, playlists e links. Essas escolhas foram pensadas desde o início como parte da linguagem do produto, não apenas como soluções técnicas de publicação.

3.3 Produção

A etapa de produção correspondeu à apuração jornalística, à realização das entrevistas, à pesquisa documental, à observação de eventos, à escrita dos capítulos e à elaboração dos elementos multimídia. Como a reportagem investiga uma cena cultural composta por diferentes agentes, a apuração exigiu contato com

fontes diversas: artistas, produtores, representantes de casas de show, organizadores de festivais, jornalistas, fotógrafos, comunicadores, DJs, pesquisadores e pessoas ligadas à circulação da música autoral no interior paulista.

Entre as fontes entrevistadas, estiveram a Profa. Simone Pereira de Sá; o jornalista Eduardo Castro; Alexandre Bazzan; Ray, do perfil CENA; Chococorn and the Sugarcane; Link do Zap, Chard, Dupla02 e MiserySwin; Orsi, ligado aos Palhaços da Cidade e à organização do Na Garagem; a banda Porcelana; Júlia, funcionária, segurança e produtora ligada ao Tetriz Club e ao Lola Bar; LoopCinema, em entrevista realizada por Pietro, da Chococorn; Dj Aqua, do barato.mp3; Lucas, do Festival Beco; André, da BolaShow; Bia Vaccari; Bruno Martins; Guioak; Marimbondo; Desconhecido Juvenal; Entre Cenas; Borges Fotógrafo; JONABUG; e Lobofest, representado por Márcio Bertasso; Maria Ester/LMC Tour; Kalledy/Link do Zap; Nicole e Nina do perfil Entre Palcos.

As entrevistas foram realizadas por diferentes meios, conforme a disponibilidade das fontes e a natureza da apuração. Parte delas ocorreu presencialmente, especialmente durante a LMC Tour, quando foram entrevistadas fontes como Maria Ester, Chard, Link do Zap, MiserySwin, Dupla02 e outros artistas envolvidos na circulação do projeto. Também houve entrevistas presenciais durante o Festival Na Garagem, com Orsi e a banda Porcelana. As demais entrevistas foram realizadas por WhatsApp, e-mail ou chamada de vídeo, o que permitiu ampliar o alcance da apuração e contemplar fontes de diferentes cidades.

A diversidade de canais de contato foi uma característica importante do processo. Por um lado, ela possibilitou reunir um conjunto amplo de depoimentos e perspectivas; por outro, tornou a organização da apuração mais complexa. As conversas ocorreram em tempos, formatos e plataformas diferentes, exigindo controle sobre respostas, arquivos, áudios, mensagens, transcrições e autorizações. Essa conciliação de entrevistas e contatos por múltiplos canais foi uma das principais dificuldades do trabalho, pois exigiu acompanhamento constante das fontes e reorganização frequente do material apurado.

Além das entrevistas, a produção contou com observação e acompanhamento de eventos culturais. Dois momentos foram especialmente relevantes: a LMC Tour e o Festival Na Garagem, nos quais foi possível realizar entrevistas presenciais, observar dinâmicas de circulação, acompanhar apresentações e compreender de modo mais concreto as relações entre artistas,

público, produtores e espaços. O Lobofest também compôs a experiência de apuração, uma vez que o evento foi acompanhado em 2024 e 2025. Esses eventos contribuíram para que a reportagem não dependesse apenas de relatos, mas também de observação direta de ambientes, públicos, palcos, bastidores e formas de sociabilidade.

A pesquisa documental foi desenvolvida em paralelo às entrevistas. Foram consultados sites, redes sociais, materiais de divulgação, cartazes, perfis de artistas, páginas de festivais, registros fotográficos, vídeos, publicações de portais independentes e conteúdos digitais relacionados à cena musical autoral do interior paulista. Também foram utilizados documentos e dados oficiais para contextualizar temas específicos da reportagem, como mercado fonográfico, políticas culturais e legislação municipal. Entre os materiais pesquisados estão: os relatórios da Pro-Música Brasil, relatórios da International Federation of the Phonographic Industry (IFPI), dados do Ministério da Cultura sobre a Lei Paulo Gustavo e as leis municipais de Bauru, incluindo Lei nº 6.903/2017, Lei nº 7.341/2020 e Lei nº 8.017/2026.

A consulta a esses documentos permitiu que a reportagem articulasse depoimentos individuais a contextos mais amplos. A cena musical investigada não foi tratada apenas como experiência subjetiva dos artistas, mas como fenômeno atravessado por condições econômicas, políticas, legais e territoriais. Os dados sobre mercado musical ajudaram a situar a disputa por escuta e visibilidade; as informações sobre fomento cultural permitiram discutir a distribuição de recursos; e a legislação municipal contribuiu para analisar tensões entre lazer, ocupação noturna, festas, fiscalização e direito à cidade.

A escrita dos capítulos ocorreu a partir da organização progressiva do material apurado. A estrutura narrativa foi definida de modo a transformar as fontes em personagens de uma história coletiva, sem perder o caráter jornalístico e interpretativo do trabalho. A divisão em capítulos permitiu organizar as entrevistas e documentos em eixos. O Prelúdio apresenta o gesto de garimpo e a descoberta do tema. O Capítulo 1, “A estrada”, trata da circulação de artistas e da fabricação de caminhos. O Capítulo 2, “O palco”, aborda casas de show e espaços de apresentação. O Capítulo 3, “A ascensão”, discute crescimento, visibilidade e identidade. O Capítulo 4, “O megafone”, observa festivais e formas de amplificação. O Capítulo 5, “O rascunho”, trabalha precariedade, experimentação e ocupação

noturna. O Capítulo 6, “A memória”, reflete sobre registros, fotografias e documentação. O Epílogo, “O interior vive”, sintetiza os caminhos percorridos e retoma o argumento central da reportagem.

Durante a escrita, foram utilizados recursos de reportagem *longform* e jornalismo literário, como cenas de abertura, descrições de ambiente, uso de falas diretas, construção de personagens, costura analítica e retomada de motivos narrativos. Esses recursos foram empregados sem abandonar a apuração factual. As falas das fontes foram selecionadas a partir de sua relevância para o argumento de cada capítulo, e o texto buscou equilibrar interpretação jornalística, contexto e presença das vozes entrevistadas. A intenção foi produzir uma narrativa que não funcionasse como simples inventário de nomes, mas como leitura crítica de uma rede cultural.

A produção multimídia ocorreu de forma integrada à escrita. Foram selecionadas fotografias de shows, festivais, artistas e ambientes culturais, incluindo imagens produzidas durante a apuração e registros cedidos por fotógrafos ou retirados de acervos autorizados. Também foram criados infográficos e mapas para organizar visualmente informações que complementam a narrativa. Entre os recursos produzidos, destacam-se gráficos sobre o mercado fonográfico, elementos visuais sobre a Lei Paulo Gustavo, infográficos sobre legislação municipal, mapa da rede cultural do interior paulista, imagens de capa dos capítulos e materiais visuais de apoio ao texto. Além disso, foram incorporadas playlists e conteúdos externos para aproximar a leitura da dimensão sonora do objeto.

A utilização de playlists teve papel específico no produto. Como a reportagem trata de música autoral, a escuta não poderia permanecer apenas como tema abstrato. As playlists funcionam como extensão da reportagem, permitindo que o leitor entre em contato com artistas, sonoridades e repertórios mencionados ao longo do texto. Os vídeos, imagens e links também cumprem função semelhante: ampliam o campo de leitura e conectam o produto a registros externos da cena.

3.4 Pós-produção

A pós-produção reuniu os procedimentos de revisão textual, edição visual, organização do site e ajustes finais de publicação. Essa etapa foi especialmente importante porque o produto final não dependia apenas da qualidade da apuração e da escrita, mas também da forma como a reportagem seria apresentada ao leitor no

ambiente digital. A montagem no WordPress foi uma das maiores dificuldades do processo, pois exigiu domínio de ferramentas de edição, organização de páginas, configuração de menus, inserção de imagens, controle de links, ajustes de responsividade e padronização visual.

A revisão textual envolveu a leitura e reescrita dos capítulos, a reorganização de trechos, a checagem de informações, a padronização de nomes próprios e a adequação do estilo da reportagem. Foram definidos padrões editoriais para grafias de nomes de artistas, festivais, casas, projetos e personagens, a fim de evitar inconsistências ao longo do texto. Também houve cuidado com a padronização de aspas, intertítulos, créditos de imagens, legendas e referências a documentos. Essa revisão buscou manter a linguagem humana e editorial da reportagem, evitando tanto o excesso de informalidade quanto um tom acadêmico incompatível com o produto jornalístico.

A edição de imagens foi outro procedimento central. As fotografias precisaram ser selecionadas, cortadas, tratadas e adaptadas aos formatos do site, especialmente às imagens destacadas dos capítulos. Em alguns casos, foi necessário melhorar nitidez, proporção, enquadramento e qualidade geral das imagens para que funcionassem como capas ou elementos internos da reportagem. Os infográficos também passaram por ajustes de linguagem visual, cores, títulos, legendas, fontes e proporções, considerando a identidade do intê e a legibilidade em diferentes telas.

A identidade visual foi aplicada ao site de modo a criar unidade entre páginas, capítulos e elementos multimídia. A paleta de cores, inspirada nos tons alaranjados e terrosos associados à obra *O Violeiro*, de Almeida Júnior, foi combinada a escolhas tipográficas e gráficas que buscavam aproximar o produto de uma estética editorial, musical e cultural. A logo do intê, composta por dois pontos de exclamação, reforça a intenção de construir uma marca jornalística simples, reconhecível e com potencial de continuidade. A visualidade do projeto também se apoiou no uso expressivo das palavras, letras e títulos, valorizando a grafia como elemento de design.

A montagem no WordPress envolveu a criação da estrutura principal do site, composta por páginas como Início, Capítulos e Sobre, além dos posts correspondentes ao Prelúdio, aos seis capítulos e ao Epílogo. A página inicial foi pensada como porta de entrada para o projeto, apresentando o intê e a reportagem

principal. A página Capítulos funciona como índice visual e narrativo, orientando o leitor no percurso da reportagem. A página Sobre contextualiza o projeto editorial, sua relação com o TCC e a proposta de jornalismo cultural. Já os posts dos capítulos foram organizados na categoria Reportagens, com imagens destacadas, linhas finas e recursos multimídia próprios.

Também foram realizados ajustes de navegação interna. Como a reportagem é longa e dividida em partes, foi necessário pensar em caminhos para o leitor circular pelo produto. Links entre capítulos, botões de retorno, organização de menus e chamadas visuais foram utilizados para evitar que a leitura se encerrasse de forma isolada em cada post. A navegação foi pensada para permitir tanto a leitura sequencial quanto o acesso direto a capítulos específicos.

A pós-produção incluiu ainda procedimentos de SEO e metadados. Foram definidos títulos, resumos, descrições e imagens destacadas para os capítulos, com o objetivo de melhorar a apresentação do conteúdo no WordPress e em possíveis compartilhamentos. Embora o projeto tenha finalidade acadêmica, essas escolhas foram tratadas como parte da prática jornalística digital, uma vez que a circulação online depende também de títulos claros, descrições adequadas e organização das informações.

Por fim, foram realizados testes de leitura e visualização em desktop e celular. Essa etapa foi necessária para verificar a legibilidade dos textos, o carregamento das imagens, o funcionamento dos links, a abertura de vídeos e playlists, a proporção dos infográficos e a navegação entre páginas. Como o produto foi desenvolvido em ambiente digital, a responsividade e a experiência do leitor em diferentes dispositivos foram consideradas parte do acabamento final da reportagem.

A metodologia adotada, portanto, combinou procedimentos jornalísticos tradicionais — como apuração, entrevista, observação e checagem — com práticas específicas do jornalismo digital e multimídia. O produto final é resultado desse processo integrado: uma reportagem de profundidade que utiliza recursos narrativos, visuais e sonoros para interpretar uma cena musical territorializada. Ao reunir fontes, documentos, imagens, mapas, playlists e capítulos em um site próprio, o intê transforma a investigação sobre a música autoral do interior paulista em uma experiência jornalística de leitura, escuta e navegação.

3.5 Custos de produção

A realização do projeto experimental envolveu custos financeiros pontuais, relacionados principalmente à manutenção do produto digital, aos deslocamentos necessários para a apuração, à produção de materiais gráficos e à finalização do relatório. Como se trata de um trabalho acadêmico desenvolvido de forma independente, sem financiamento externo ou patrocínio, os gastos foram assumidos pelo autor ao longo do processo.

Entre os principais custos estiveram a aquisição e manutenção do domínio do site, utilizado para publicação da reportagem multimídia; eventuais deslocamentos para acompanhamento de shows, festivais e entrevistas presenciais; alimentação e transporte durante atividades de apuração; além de despesas ligadas à impressão, encadernação e produção de materiais de apoio para a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso.

De forma estimada, os gastos podem ser organizados da seguinte maneira:

Item	Finalidade	Valor estimado
Domínio do site	Registro e manutenção do endereço digital do produto	R\$ 50,00 a R\$ 80,00
Hospedagem/plano WordPress	Publicação e organização da reportagem multimídia	R\$ 0,00 a R\$ 200,00
Transporte para apuração	Deslocamentos para shows, festivais, entrevistas e registros	R\$ 150,00 a R\$ 300,00
Alimentação durante apuração	Custos em dias de cobertura presencial	R\$ 80,00 a R\$ 150,00
Ingressos/entradas	Acesso a eventos acompanhados durante a produção	R\$ 0,00 a R\$ 150,00
Materiais gráficos	Cartões, flyers, impressos de apoio e materiais de divulgação	R\$ 80,00 a R\$ 150,00

Impressão e encadernação	Versões impressas do relatório para banca e arquivo pessoal	R\$ 150,00 a R\$ 300,00
Ferramentas de edição/design	Recursos digitais utilizados na produção visual do projeto	R\$ 0,00 a R\$ 100,00

Considerando esses itens, o custo total aproximado do projeto ficou entre R\$ 510,00 e R\$ 1.430,00, a depender da variação de valores de transporte, impressão, domínio, materiais gráficos e ferramentas digitais utilizadas. A estimativa não inclui equipamentos próprios já disponíveis antes do início do trabalho, como computador, celular, câmera ou acessórios de gravação, nem contabiliza horas de trabalho dedicadas à apuração, escrita, edição e montagem do site.

A inclusão desses custos permite dimensionar parte das condições materiais envolvidas na realização do produto. Embora o projeto tenha sido desenvolvido em ambiente digital, sua produção não se limitou ao uso de plataformas online. A apuração presencial, a circulação entre espaços culturais, a organização visual do site e a finalização acadêmica do relatório também exigiram recursos financeiros, ainda que em escala reduzida.

4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O produto final deste Trabalho de Conclusão de Curso consiste em uma reportagem multimídia de jornalismo cultural, publicada em ambiente digital, dentro do projeto editorial *intê — jornalismo cultural*. A reportagem, intitulada “O interior é melhor que a capital: A rede invisível que sustenta a música autoral paulista”, investiga a música autoral no interior do estado de São Paulo a partir de artistas, produtores, casas de show, festivais, fotógrafos, comunicadores, registros e agentes culturais que participam da formação de uma cena independente.

A escolha por um produto digital permitiu que a reportagem fosse desenvolvida em formato *longform*, dividida em Prelúdio, seis capítulos e Epílogo, e combinasse diferentes linguagens jornalísticas e recursos multimídia. Além do texto escrito, o produto incorpora fotografias, vídeos, embeds, playlists, gráficos, mapas, infográficos, links externos, documentos e elementos visuais criados especificamente para orientar a leitura e ampliar a compreensão do tema. O site foi

desenvolvido no WordPress e organizado com páginas fixas, posts, menus e estrutura de navegação própria.

Este capítulo descreve o produto final, suas escolhas editoriais, narrativas, visuais e multimídia. A descrição contempla o projeto editorial intê, a reportagem principal, a identidade visual, a estrutura do site, a divisão narrativa dos capítulos, os elementos multimídia, o público-alvo, a experiência de leitura e os limites do produto.

4.1 O projeto editorial intê

O intê — jornalismo cultural foi criado como projeto editorial para abrigar a reportagem “O interior é melhor que a capital”. A escolha de criar uma marca guarda-chuva, em vez de publicar a reportagem de forma isolada, partiu da intenção de construir um espaço próprio de jornalismo cultural, com identidade visual, tom editorial e possibilidade de continuidade. O intê funciona, portanto, como a “casa” da reportagem, mas também como um projeto que pode vir a receber outros conteúdos relacionados a música, crítica, cultura, memória, território e cenas independentes.

O nome intê foi escolhido por sua sonoridade e por sua relação direta com a ideia de interior. A palavra remete ao recorte territorial da reportagem sem se limitar a uma descrição literal. Ao mesmo tempo, o nome possui potencial editorial e mercadológico, por ser curto, reconhecível e aberto a diferentes usos dentro do jornalismo cultural. A grafia em letras minúsculas também contribui para uma identidade menos institucional e mais próxima de uma publicação cultural independente.

A proposta do intê é tratar a cultura como campo de investigação jornalística. O projeto não se estrutura como agenda de eventos, release de artistas ou repositório de divulgação cultural. Sua proposta é observar práticas culturais, personagens, territórios e formas de circulação que nem sempre recebem atenção sistemática da imprensa tradicional. No caso da reportagem principal, isso se materializa na investigação da música autoral do interior paulista, vista não apenas como produção artística, mas como rede de relações sociais, afetivas, econômicas e territoriais.

A criação do intê também responde à necessidade de dar unidade ao produto. A reportagem é extensa, dividida em múltiplas partes e composta por diferentes recursos visuais e sonoros. A existência de uma marca editorial ajuda a

organizar essa experiência para o leitor. Ao acessar o site, o público não encontra apenas uma sequência de posts, mas um projeto com nome, identidade, proposta e arquitetura narrativa. Essa escolha reforça a dimensão experimental do TCC, pois aproxima o produto de publicações digitais de jornalismo cultural, revistas independentes e sites de crítica e reportagem.

O intê também foi pensado a partir de uma relação entre jornalismo e memória. Ao documentar artistas, casas de show, festivais, fotógrafos, comunicadores e agentes culturais, o projeto não apenas informa sobre a cena musical autoral do interior paulista, mas contribui para registrar uma rede em movimento. A reportagem assume, assim, uma dupla função: interpretar uma cena cultural e produzir um arquivo jornalístico sobre ela.

4.2 A reportagem “O interior é melhor que a capital”

A reportagem principal do projeto se intitula “O interior é melhor que a capital: A rede invisível que sustenta a música autoral paulista”. O título foi escolhido como provocação jornalística e como síntese do argumento central do produto. A frase “o interior é melhor que a capital” não pretende estabelecer uma comparação absoluta ou substituir uma hierarquia por outra. Sua função é tensionar a ideia de que a capital seria, necessariamente, o centro de validação cultural do estado. A reportagem parte da hipótese de que a música autoral do interior paulista possui circuitos, linguagens, agentes e formas próprias de sustentação.

A linha fina da reportagem é: “Os artistas e agentes culturais que fazem da cena independente uma forma de moldar e ocupar territórios.” Essa formulação apresenta os principais eixos do produto: artistas, agentes culturais, cena independente, território e circulação. A reportagem não se limita à trajetória de uma banda específica, ainda que determinados artistas funcionem como portas de entrada para o tema. O objetivo é observar como uma rede cultural se forma a partir de relações entre pessoas, cidades, palcos, festivais, registros e deslocamentos.

O produto foi estruturado como uma reportagem em capítulos. Essa escolha se relaciona à natureza do objeto. A cena musical autoral do interior paulista não se organiza a partir de um único acontecimento, mas por meio de processos dispersos: shows, festivais, turnês, registros fotográficos, conteúdos digitais, casas independentes, festas, trajetórias individuais e redes de colaboração. A divisão

capitular permitiu transformar esse conjunto em uma narrativa com progressão, sem reduzir sua complexidade.

A reportagem é composta por:

- Prelúdio: O garimpo
- Capítulo 1: A estrada
- Capítulo 2: O palco
- Capítulo 3: A ascensão
- Capítulo 4: O megafone
- Capítulo 5: O rascunho
- Capítulo 6: A memória
- Epílogo: O interior vive

Cada parte cumpre uma função específica dentro da narrativa. O Prelúdio introduz o processo de descoberta do tema; o primeiro capítulo trata da circulação; o segundo, dos espaços de apresentação; o terceiro, da relação entre crescimento, identidade e visibilidade; o quarto, dos festivais e formas de amplificação; o quinto, da precariedade, experimentação e ocupação noturna; o sexto, dos registros e da memória; e o Epílogo retoma os principais caminhos da reportagem para formular uma síntese interpretativa.

Essa estrutura permite que o leitor compreenda a cena musical como uma rede. Em vez de organizar o texto apenas por personagens ou por cidades, a reportagem se organiza por funções culturais: garimpar, circular, abrir palco, amplificar, experimentar, registrar e permanecer. Dessa maneira, cada capítulo contribui para a construção do argumento geral de que a música autoral do interior paulista depende de uma infraestrutura coletiva, muitas vezes invisível, formada por pessoas e espaços que fazem a cena acontecer.

4.3 Identidade visual

A identidade visual do intê foi desenvolvida para dialogar com jornalismo cultural, música independente, interior paulista e estética editorial. O projeto buscou evitar uma aparência institucional, turística ou excessivamente genérica. A intenção foi criar um visual que remetesse a publicações culturais, cartazes de show,

fanzines, revistas independentes e páginas de jornalismo musical, sem abandonar a legibilidade necessária a uma reportagem *longform*.

A paleta de cores do site tem como base o laranja #ee5f22, o fundo off-white #f5f0e8 e o preto/grafite #111111. O laranja funciona como cor de destaque, aplicado em links, títulos, divisórias e elementos gráficos. O off-white foi utilizado como fundo principal para suavizar a leitura de textos longos, evitando o contraste rígido de um fundo branco puro. O preto/grafite aparece no corpo do texto e em elementos de maior peso visual, garantindo contraste e sobriedade.

Uma das referências visuais centrais para a definição da identidade foi a obra *O Violeiro* (1899), de Almeida Júnior. A pintura foi considerada por sua relação com o imaginário do interior paulista, com a cultura caipira e com a representação da música como prática cotidiana. Seus tons terrosos e alaranjados ajudaram a orientar a atmosfera cromática do site. Essa referência não foi adotada como reprodução literal, mas como ponto de partida para pensar uma visualidade ligada ao interior, à música e à cultura popular paulista.

A tipografia também foi pensada como parte da identidade editorial. Os títulos utilizam uma fonte serifada, com peso visual e caráter editorial, enquanto o corpo do texto utiliza uma fonte sem serifa, priorizando a legibilidade em telas. Essa combinação busca equilibrar personalidade e clareza. Como a reportagem possui trechos longos, falas diretas e blocos multimídia, a escolha tipográfica precisou garantir conforto de leitura, especialmente em dispositivos móveis.

Outro elemento importante da identidade é a valorização da grafia das próprias palavras. O projeto se apoia em títulos fortes, intertítulos expressivos e uso visual do texto como elemento de design. A logo do intê, composta por dois pontos de exclamação, também nasce dessa relação com a linguagem escrita. O sinal gráfico remete ao jornalismo, à chamada, à ênfase e à atenção, ao mesmo tempo em que funciona como marca simples e adaptável.

A identidade visual foi aplicada nos elementos do site e também nos materiais multimídia produzidos para a reportagem, como mapas, infográficos e imagens de apoio. Nos infográficos, a paleta do intê foi usada para manter a unidade visual e reforçar a assinatura do projeto. O resultado busca criar uma experiência coerente, em que texto, imagem, cor, tipografia e navegação pertençam ao mesmo universo editorial.

4.4 Estrutura do site

O site do intê foi desenvolvido no WordPress e organizado a partir de páginas fixas e posts. A estrutura principal é composta pelas páginas Início, Capítulos e Sobre, além dos posts correspondentes ao Prelúdio, aos seis capítulos e ao Epílogo da reportagem. Essa organização foi pensada para garantir clareza de navegação e permitir que o leitor compreenda rapidamente a estrutura do produto.

A página “Início” funciona como porta de entrada. Ela apresenta o projeto editorial, introduz a reportagem principal e orienta o leitor para os capítulos. Sua função é situar o visitante que chega ao site sem conhecer o TCC ou o intê. A página inicial também estabelece o tom visual do projeto, apresentando a identidade gráfica e a proposta editorial.

A página Capítulos funciona como índice visual da reportagem. Nela, cada parte da narrativa é apresentada por meio de cards, imagens de capa, títulos e chamadas. Essa página é importante porque a reportagem é extensa e dividida em múltiplos posts. O índice permite que o leitor visualize o conjunto do produto e escolha por onde começar ou continuar a leitura. Ele também reforça a ideia de percurso, pois apresenta os capítulos como partes de uma sequência narrativa.

A página Sobre cumpre função institucional e editorial. Ela apresenta o intê, contextualiza o projeto como Trabalho de Conclusão de Curso, explica a proposta da reportagem e situa o autor, a orientação acadêmica e a finalidade do produto. Também pode funcionar como espaço para contato e para indicar a possibilidade de continuidade do projeto editorial após a conclusão do TCC. Essa página é importante para separar o produto jornalístico da estrutura formal do relatório, oferecendo ao leitor comum uma explicação acessível sobre o projeto.

Os capítulos foram publicados como posts, organizados na categoria Reportagens. Cada post possui título, linha fina, imagem destacada e recursos multimídia próprios. A escolha por posts, e não apenas páginas fixas, permitiu organizar o produto dentro da lógica editorial do WordPress, mantendo a possibilidade de navegação, categorização e compartilhamento individual de cada capítulo.

Além da estrutura principal, o site utiliza menus, links internos, imagens destacadas, intertítulos, legendas, créditos e blocos visuais para orientar a leitura. A navegação foi pensada para permitir tanto uma leitura sequencial quanto uma leitura

fragmentada. O leitor pode acompanhar a reportagem desde o Prelúdio até o Epílogo, mas também pode acessar capítulos específicos conforme seu interesse.

4.5 Estrutura narrativa da reportagem

A estrutura narrativa da reportagem foi pensada como um percurso. Em vez de apresentar a cena musical autoral do interior paulista de forma enciclopédica ou cronológica, o produto organiza a investigação a partir de eixos simbólicos e materiais que sustentam a cena. Essa escolha permitiu tratar fontes e espaços como personagens de uma história coletiva, sem perder o caráter jornalístico da apuração.

4.5.1 Prelúdio: O garimpo

O Prelúdio: O garimpo funciona como capítulo de abertura da reportagem. Sua principal função é apresentar ao leitor o modo como o tema se aproximou do repórter: não por meio de uma instituição clara, de uma pauta previamente fechada ou de um acontecimento único, mas por acúmulo de sinais. Bandas repetidas em cartazes diferentes, fotógrafos marcando as mesmas pessoas, artistas aparecendo em publicações de cidades distintas, músicas ainda não disponíveis em plataformas e festivais que se conectavam indiretamente formaram um conjunto de rastros.

O Prelúdio transforma esse processo de descoberta em recurso narrativo. A ideia de garimpo aparece como método de aproximação: o tema foi sendo encontrado aos poucos, a partir de conexões que, inicialmente, pareciam dispersas. A escolha por abrir a reportagem dessa maneira ajuda a apresentar o objeto como rede. O leitor entende que não se trata de uma cena evidente à primeira vista, mas de uma cena que exige observação, acompanhamento e escuta.

Esse capítulo também introduz a ideia de que a música autoral do interior paulista costuma aparecer aos poucos, muitas vezes fora dos grandes circuitos de visibilidade. Um palco pequeno, uma gravação caseira, um perfil de divulgação, uma foto de show ou um vídeo no YouTube podem ser pontos de entrada para uma rede maior. Por isso, o Prelúdio apresenta a cena como algo que precisa ser reconhecido em seus vestígios.

Entre os recursos multimídia utilizados nessa abertura, aparecem fotografias documentais, vídeos incorporados, links e um infográfico sobre o mercado brasileiro de música. O gráfico “O mercado brasileiro cresce, mas a disputa por escuta

também” contextualiza a distância entre estar disponível nas plataformas digitais e ser efetivamente ouvido. A presença desse dado logo na abertura ajuda a situar a reportagem no cenário contemporâneo da música gravada: embora o mercado esteja aquecido e o streaming seja dominante, a visibilidade permanece desigual.

O Prelúdio também incorpora uma playlist da reportagem, apresentada como complemento sonoro e convite à escuta. Esse recurso reforça a natureza musical do objeto e permite que o leitor não apenas leia sobre a cena, mas entre em contato com parte de sua sonoridade.

4.5.2 Capítulo 1: A estrada

O Capítulo 1: A estrada trata da circulação como dimensão material da cena. O capítulo parte da LMC Tour para compreender o custo físico, financeiro e logístico de fazer a música autoral circular fora dos grandes centros. A estrada aparece como imagem e como infraestrutura: é por ela que artistas se deslocam, que públicos são formados, que casas de show são conectadas e que a cena deixa de ser apenas local.

A personagem central desse capítulo é Maria Ester, responsável pela articulação da LMC Tour. A partir dela, a reportagem observa os bastidores de uma turnê independente: planejamento, passagens, hospedagens, contato com casas, organização de datas, relação com artistas e tentativa de reduzir riscos. A circulação aparece como trabalho, não como acaso. A existência de uma turnê exige tempo, confiança, organização e investimento.

O capítulo também inclui artistas ligados à LMC Tour, como Link do Zap, Chard, MiserySwin e Dupla02. As falas dessas fontes ajudam a revelar a diferença entre um evento precário e uma produção minimamente estruturada. Questões como camarim, água, informações claras, pagamento, passagem e segurança aparecem como elementos básicos que nem sempre são garantidos no circuito independente. Assim, a estrada não é romantizada. Ela é apresentada como condição de circulação, mas também como espaço de custo e vulnerabilidade.

Editorialmente, esse capítulo cumpre a função de mostrar que a cena musical não se sustenta apenas por talento ou vontade. Para que uma banda seja ouvida em outra cidade, é preciso que alguém organize caminhos. A estrada, portanto, é tratada como uma das infraestruturas culturais da cena. Sem deslocamento, a

música fica restrita ao local de origem; com circulação, passa a integrar uma rede mais ampla.

Os recursos multimídia do capítulo incluem registros em vídeo, fotografias de bastidores ou apresentações e eventuais links para artistas e projetos relacionados. Esses elementos reforçam a dimensão documental da apuração presencial e aproximam o leitor dos ambientes descritos no texto.

4.5.3 Capítulo 2: O palco

O Capítulo 2: O palco aborda a importância das casas de show e espaços independentes para a existência da cena. Depois de tratar da estrada, a reportagem passa ao ponto de chegada: o lugar onde o show acontece. O capítulo parte da ideia de que a circulação só se completa quando há uma casa disposta a abrir espaço para a música autoral.

O principal exemplo trabalhado é o Na Garagem, ligado a Orsi e Carol. O capítulo observa como espaços independentes funcionam como mediadores entre artistas e público, especialmente em cidades onde a música autoral nem sempre encontra programação regular. Esses espaços não são tratados apenas como locais físicos, mas como agentes culturais. Uma casa que decide receber bandas autorais também participa da construção da cena.

O capítulo discute a relação entre acolhimento, infraestrutura e risco. Abrir palco para artistas independentes envolve custos, curadoria, divulgação, negociação com público e, muitas vezes, aposta em nomes que ainda não possuem grande circulação. Ao mesmo tempo, esses espaços oferecem condições para que artistas experimentem repertórios, encontrem público e se conectem com outras bandas.

A presença da banda Porcelana e de outras fontes ligadas ao Na Garagem ajuda a construir o capítulo como um retrato da relação entre palco e cena. O palco aparece como condição material da música ao vivo. Sem ele, a produção autoral corre o risco de permanecer restrita às plataformas digitais ou aos ensaios. Com ele, a música se transforma em encontro.

Do ponto de vista narrativo, “O palco” dá continuidade ao percurso iniciado em “A estrada”. A reportagem mostra que circular não basta; é preciso haver lugares de recepção. O capítulo também prepara discussões posteriores sobre

festivais, festas e memória, pois todos esses elementos dependem de espaços de encontro.

4.5.4 Capítulo 3: A ascensão

O Capítulo 3: A ascensão trata do crescimento de artistas, da formação de público e da relação entre cidade, internet e mercado. O capítulo observa como determinadas bandas passam a circular com mais força, acumulando registros, shows, escuta e reconhecimento. Entre os exemplos centrais está Chococorn and the Sugarcanes, banda que também funcionou como uma das portas de entrada para a descoberta do tema da reportagem.

A ascensão não é apresentada como fama repentina ou sucesso individualizado. O capítulo busca mostrar que o crescimento de um artista independente depende de uma série de mediações: redes sociais, vídeos, festivais, casas de show, circulação entre cidades, parcerias e reconhecimento de público. A internet aparece como ferramenta importante, mas não suficiente. Estar disponível em plataformas digitais não garante ser ouvido, assim como publicar conteúdo não garante circulação efetiva.

Esse capítulo também discute a relação entre interior e linguagem. Em vez de tratar o interior como limitação, a reportagem observa como determinados artistas incorporam sotaques, referências, afetos e experiências territoriais em suas formas de criação. A música autoral aparece como modo de dizer um lugar, não apenas de sair dele. Assim, o interior não é somente origem geográfica, mas parte da identidade estética e narrativa de alguns artistas.

A presença de dados sobre o mercado fonográfico e sobre o streaming, introduzidos no Prelúdio, dialoga com esse capítulo. A reportagem sugere que o crescimento do mercado musical brasileiro não distribui visibilidade de forma igual. Há uma distância entre estar disponível nas plataformas e ser escutado de fato. A ascensão, nesse contexto, depende de redes de circulação que combinam digital e presencial.

4.5.5 Capítulo 4: O megafone

O Capítulo 4: O megafone aborda os festivais como mecanismos de amplificação da cena. Se a estrada permite circular e o palco permite acontecer, o festival permite concentrar, dar escala e produzir visibilidade. O capítulo trata de

eventos como Lobofest e Lobofest na Cidade, observando sua função na formação de público, na articulação de artistas e na criação de memória coletiva.

O festival é apresentado como megafone porque amplia sons que, isoladamente, poderiam circular apenas em redes menores. Ao reunir artistas, público, estrutura, divulgação, parceiros e registros, um festival consegue produzir um acontecimento cultural de maior impacto. Ao mesmo tempo, o capítulo discute que essa amplificação envolve planejamento, risco financeiro, captação de recursos, fomento, trabalho de produção e responsabilidade com a cena.

A presença de Márcio Bertasso e do Lobofest permite observar os bastidores de uma iniciativa cultural independente. O festival não aparece apenas como programação, mas como processo. A reportagem busca compreender como se escolhem artistas, como se constrói identidade, como se financia uma edição, como se lida com expectativas de público e como o evento se posiciona dentro de uma rede cultural maior.

O capítulo também dialoga com políticas culturais e fomento. A presença de gráficos ou informações sobre financiamento cultural, quando utilizada, ajuda a mostrar que a visibilidade da cena depende de condições materiais. O megafone não funciona sozinho: ele precisa de estrutura, recursos, planejamento e continuidade.

4.5.6 Capítulo 5: O rascunho

O Capítulo 5: O rascunho trata da precariedade, da experimentação e da produção independente em suas formas menos acabadas, mas não menos significativas. O título parte da ideia de que muitas cenas culturais se constroem antes de estarem plenamente institucionalizadas. O rascunho, nesse sentido, não é falha; é etapa de criação, tentativa e invenção.

Entre os personagens e iniciativas trabalhados no capítulo estão Marimbondo e barato.mp3. A partir deles, a reportagem observa formas de produção caseira, estética independente, ocupação de espaços noturnos, festas, pistas e circuitos que escapam a modelos mais tradicionais de show ou festival. O capítulo discute como a precariedade pode aparecer misturada à invenção, mas sem ser romantizada.

A produção independente é apresentada como campo de ambivalência. Por um lado, ela permite liberdade, experimentação, colaboração e criação de linguagens próprias. Por outro, também revela falta de estrutura, ausência de

recursos, instabilidade e dependência de trabalho não remunerado ou pouco reconhecido. A reportagem procura manter essas duas dimensões em tensão.

O capítulo também discute o lazer como direito e a ocupação noturna como questão cultural e urbana. Nesse ponto, entram elementos sobre legislação, fiscalização, festas clandestinas, eventos open bar, adegas e disputas em torno da noite. O infográfico “As leis que atravessam a noite” organiza visualmente parte desse contexto, relacionando legislação municipal e ocupação cultural. A presença desse recurso permite que a discussão não fique apenas no campo da opinião, mas seja contextualizada por documentos e normas.

4.5.7 Capítulo 6: A memória

O Capítulo 6: A memória trata do registro, da cobertura e da documentação da cena. Depois de acompanhar estrada, palco, ascensão, festivais e experimentações, a reportagem passa a observar aquilo que permanece depois do acontecimento. A música ao vivo é, por natureza, efêmera. Um show acontece em um tempo e em um lugar específicos. O registro fotográfico, audiovisual, jornalístico ou digital prolonga esse acontecimento e permite que ele circule depois.

O capítulo reúne fotógrafos, jornalistas, comunicadores e arquivos como agentes fundamentais da cena. Eles não aparecem apenas como observadores externos, mas como participantes da construção de memória. Uma fotografia de show, uma matéria, uma publicação em portal independente, um vídeo de apresentação ou um post de cobertura ajudam a produzir reconhecimento. Em cenas pouco documentadas pela grande imprensa, esse tipo de registro assume importância ainda maior.

A reportagem trabalha a ideia de que o registro funciona como uma segunda vida do acontecimento. Aquilo que foi vivido por um público presente pode ser compartilhado, revisitado, lembrado e usado como prova da existência de uma cena. A memória, portanto, não é apenas passado; ela participa da sustentação do presente. Uma cena que não é registrada corre mais risco de ser apagada ou tratada como episódica.

Esse capítulo também se conecta à própria função do TCC. Ao produzir uma reportagem multimídia sobre a música autoral do interior paulista, o intê também se torna parte desse esforço de registro. A reportagem não apenas descreve uma cena; ela cria um documento sobre ela.

4.5.8 Epílogo: O interior vive

O Epílogo: O interior vive funciona como fechamento interpretativo da reportagem. Sua função é retomar os caminhos percorridos, reunir os principais argumentos e refletir sobre o que a apuração revelou. O Epílogo não apresenta apenas uma conclusão factual, mas uma síntese narrativa e crítica.

Nesse encerramento, a reportagem retoma a LMC Tour, o Na Garagem, Chococorn, Lobofest, Marimbondo, barato.mp3, fotógrafos, comunicadores e outros agentes que apareceram ao longo do produto. A cena é apresentada como rede, não como soma de casos isolados. A ideia central é que o interior vive porque há pessoas trabalhando para que ele viva: artistas, produtores, casas, festivais, públicos, fotógrafos e jornalistas.

O Epílogo também critica a romantização da precariedade. A reportagem reconhece a potência das redes independentes, mas evita transformar falta de estrutura em virtude. A paixão move a cena, mas não deveria ser sua única infraestrutura. Essa reflexão é importante para que o produto não apresente o interior apenas como espaço de resistência idealizada, mas como território cultural atravessado por desigualdades, trabalho e disputa por reconhecimento.

O fechamento também questiona a capital como medida de valor. A reportagem não afirma que toda produção interiorana é melhor por definição, mas recusa a ideia de que a relevância cultural dependa da validação dos centros hegemônicos. O interior aparece como rede heterogênea, contraditória e viva, capaz de produzir sons, encontros, arquivos e territórios próprios.

4.6 Elementos multimídia

Os elementos multimídia foram parte central da construção do produto. Eles não foram utilizados apenas como recursos decorativos, mas como formas de ampliar a compreensão do tema. A reportagem trata de música, território e cena; por isso, a presença de imagem, som, mapa, vídeo e documento é fundamental para aproximar o leitor do objeto investigado.

4.6.1 Fotografias

As fotografias cumprem função documental e narrativa. Ao longo da reportagem, foram utilizadas imagens de shows, festivais, bastidores, artistas,

público, casas de show e espaços culturais. Algumas fotografias foram produzidas pelo autor durante a apuração; outras foram cedidas por fotógrafos ou retiradas de acervos autorizados, sempre com crédito indicado em legenda.

As imagens ajudam a situar o leitor em ambientes que o texto descreve. Elas mostram corpos em palco, luzes de show, público, bastidores e atmosferas de eventos. Em uma reportagem sobre cena musical, a fotografia permite visualizar não apenas artistas, mas também modos de ocupação do espaço. O uso de legendas e créditos reforça a preocupação com a documentação e com o reconhecimento dos autores das imagens.

4.6.2 Infográficos

Os infográficos foram criados para organizar informações contextuais e dados que poderiam tornar a leitura pesada se fossem apresentados apenas em texto. Entre os materiais produzidos, destacam-se gráficos sobre o mercado brasileiro de música, elementos sobre fomento cultural e infográficos sobre legislação municipal.

O infográfico “O mercado brasileiro cresce, mas a disputa por escuta também” contextualiza o crescimento do mercado fonográfico brasileiro e a predominância do streaming, ao mesmo tempo em que aponta para a distância entre disponibilidade e escuta real. Já o material sobre legislação noturna, como “As leis que atravessam a noite”, ajuda a organizar visualmente leis que afetam festas, adegas, eventos e formas de ocupação cultural da noite.

Esses recursos foram desenvolvidos a partir da identidade visual do intê, utilizando a paleta de cores do projeto e linguagem gráfica compatível com o site. A função dos infográficos é oferecer síntese, contexto e respiro visual.

4.6.3 Playlists

As playlists cumprem papel especialmente importante porque o objeto da reportagem é musical. Elas funcionam como trilhas de leitura e como complemento sonoro. Ao ouvir as músicas, o leitor pode entrar em contato com artistas citados, atmosferas sonoras e repertórios que atravessam a reportagem.

A playlist principal, intitulada “O interior é melhor que a capital”, aparece como convite à escuta e como extensão da narrativa. Ela permite que o leitor não apenas leia sobre a cena, mas também ouça parte dela. Esse recurso aproxima o

produto de uma experiência de jornalismo cultural multimídia, na qual texto e som se complementam.

4.6.4 Vídeos e embeds

A reportagem também incorpora vídeos e embeds, especialmente de apresentações, registros musicais e conteúdos relacionados aos artistas. Esses materiais ampliam a experiência de leitura e permitem que o leitor acesse diretamente performances ou registros mencionados no texto.

Os vídeos funcionam como documento e como presença. Em determinados trechos, eles ajudam a mostrar aquilo que o texto analisa: apresentações ao vivo, ensaios, entrevistas ou registros de ambiente. Como a reportagem trata de uma cena viva, os vídeos contribuem para aproximar o leitor dos sons, gestos e espaços que compõem essa rede.

4.6.5 Links e documentos

Os links externos foram utilizados para conectar a reportagem a fontes documentais, artistas, festivais, documentos oficiais, relatórios e materiais complementares. Eles cumprem função de transparência e aprofundamento. O leitor pode acessar documentos citados, conhecer artistas mencionados e ampliar sua própria navegação pela cena.

Ao mesmo tempo, a utilização de links exige cuidado editorial. Nem todos os elementos externos foram incorporados indiscriminadamente. Os links foram selecionados de acordo com sua relevância para a compreensão do texto, evitando transformar a reportagem em uma lista dispersa de referências.

4.7 Público-alvo e experiência de leitura

O produto foi pensado para um público interessado em jornalismo cultural, música independente, cenas locais, reportagem narrativa e cultura do interior paulista. Entre os públicos possíveis estão estudantes e pesquisadores de jornalismo e cultura, artistas, produtores culturais, comunicadores, fotógrafos, leitores de reportagens *longform*, pessoas ligadas à música autoral e moradores de cidades do interior interessados em suas próprias cenas culturais.

A experiência de leitura foi planejada para atender tanto leitores que desejam acompanhar a reportagem completa quanto aqueles que acessam capítulos

específicos. A estrutura em posts, a página de capítulos, os cards, os intertítulos, as imagens destacadas e os links internos ajudam a organizar esse percurso. O site permite uma leitura sequencial, do Prelúdio ao Epílogo, mas também comporta navegação fragmentada.

Como o produto foi desenvolvido em ambiente digital, a leitura em celular também foi considerada. A escolha de fundo off-white, tipografia legível, blocos visuais, imagens proporcionais e divisão por capítulos busca tornar a leitura longa menos cansativa. Os elementos multimídia funcionam como pontos de respiro e aprofundamento, sem substituir o texto.

A experiência de leitura também é atravessada pela escuta. As playlists e vídeos permitem que o leitor alterne entre leitura, audição e visualização. Essa escolha dialoga com o próprio tema do produto, pois a música não é apenas assunto, mas linguagem que atravessa a reportagem. O leitor é convidado a reconhecer a cena não apenas pelo discurso jornalístico, mas também por seus sons e registros.

4.8 Limitações do produto

Apesar da amplitude da apuração, o produto possui limites. O primeiro deles diz respeito ao recorte. A reportagem não pretende mapear toda a música autoral do interior paulista, nem representar de forma definitiva todas as cenas existentes no estado. O interior paulista é heterogêneo, composto por cidades com estruturas, públicos, trajetórias e políticas culturais diferentes. O produto trabalha com um recorte construído a partir das fontes entrevistadas, dos eventos acompanhados, das cidades observadas e das redes que apareceram durante a apuração.

Outra limitação está relacionada à seleção de personagens. Muitos artistas, produtores, casas, festivais, fotógrafos e comunicadores poderiam fazer parte da reportagem, mas o formato do produto exigiu escolhas. A narrativa foi construída a partir de personagens capazes de revelar dimensões mais amplas da cena, e não a partir de uma tentativa de catalogação total. Por isso, a ausência de determinados nomes não significa irrelevância, mas delimitação jornalística.

Também houve limites relacionados à disponibilidade das fontes. Como as entrevistas foram realizadas por diferentes canais e dependeram de agendas individuais, nem todas as fontes puderam ser ouvidas presencialmente. Algumas conversas ocorreram por WhatsApp, e-mail ou chamada de vídeo. Essa diversidade

permitiu ampliar o alcance da apuração, mas também impôs desafios à profundidade de determinadas entrevistas e à padronização do material coletado.

As limitações técnicas do WordPress também influenciaram o produto. Embora a plataforma tenha permitido a criação do site e a publicação da reportagem multimídia, sua estrutura exigiu adaptações. Questões como responsividade, organização de blocos, inserção de embeds, ajustes de imagens, menus, links e formatação demandaram tempo e testes. Algumas soluções visuais e interativas imaginadas inicialmente precisaram ser simplificadas em função das possibilidades técnicas da plataforma e do tempo disponível para a finalização do TCC.

Por fim, é importante reconhecer que a reportagem não transforma a cena musical do interior paulista em arquivo definitivo. A cena continua em movimento, novos artistas surgem, festivais mudam, casas fecham ou abrem, registros se acumulam e redes se transformam. O produto é um recorte situado, produzido em determinado momento, a partir de determinadas fontes e escolhas editoriais. Sua contribuição está em registrar, interpretar e dar visibilidade a uma rede cultural que segue viva, aberta e incompleta.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do site *intê* — jornalismo cultural teve como objetivo investigar, registrar e interpretar parte da cena musical autoral do interior paulista, observando os artistas, produtores, casas de show, festivais, fotógrafos, comunicadores e demais agentes culturais que participam de sua sustentação. Desenvolvido dentro do projeto editorial *intê* — jornalismo cultural, o produto buscou articular jornalismo cultural, reportagem *longform*, recursos multimídia e reflexão territorial para compreender uma rede de produção cultural que, muitas vezes, aparece de forma fragmentada, dispersa ou pouco visível na cobertura jornalística tradicional.

Ao longo do processo, a reportagem partiu de uma pergunta central: como a música autoral do interior paulista se organiza, circula, ganha visibilidade e constrói memória fora da centralidade simbólica da capital? A resposta encontrada não se apresentou como conclusão fechada, mas como percurso. A cena investigada não se organiza por uma única instituição, um único festival, uma única cidade ou um

único grupo de artistas. Ela se forma por conexões sucessivas: uma banda leva a outra, um show leva a uma casa, uma casa leva a um produtor, um festival leva a um fotógrafo, uma publicação leva a um comunicador, e assim a rede começa a se tornar legível. Nesse sentido, a própria forma da reportagem em capítulos procurou traduzir o modo como o tema foi se revelando: por acúmulo, deslocamento, aproximação e escuta.

5.1 Retomada dos objetivos

O objetivo geral foi desenvolver o site intê, com foco em jornalismo cultural sobre a rede de artistas e agentes culturais que sustenta a música autoral no interior paulista. Esse objetivo foi cumprido por meio da apuração jornalística com fontes diversas, da cobertura e observação de eventos, da pesquisa documental, da construção de uma narrativa *longform* e da publicação do conteúdo em formato digital, dentro de um site próprio. A reportagem buscou não apenas apresentar personagens, mas compreender as relações que tornam possível a existência de uma cena musical.

Os objetivos específicos também foram contemplados ao longo do processo. A investigação dos modos de circulação da música autoral aparece especialmente no capítulo dedicado à estrada, a partir da LMC Tour e das experiências de artistas que dependem de deslocamento, confiança e organização para tocar em outras cidades. A análise da importância das casas de show e dos espaços independentes aparece no capítulo sobre o palco, que observa o papel de iniciativas como o Na Garagem e de agentes que abrem espaço para a música autoral. A discussão sobre festivais, visibilidade e amplificação se desenvolve no capítulo sobre o megafone, com atenção ao Lobofest e a outras formas de organização cultural. Já a reflexão sobre registro e memória se concentra no capítulo final da reportagem, em que fotógrafos, comunicadores e arquivos são tratados como parte da própria sustentação da cena.

Também foi alcançado o objetivo de construir uma narrativa multimídia. O produto não se limita ao texto escrito: incorpora fotografias, vídeos, mapas, infográficos, playlists, links e elementos visuais. Esses recursos foram utilizados para ampliar a experiência de leitura e aproximar o leitor da dimensão sonora, territorial e documental do tema. A escolha pelo WordPress permitiu organizar a reportagem em capítulos, criar uma página de apresentação, um índice visual e uma

página institucional do projeto intê, além de integrar diferentes linguagens em um mesmo ambiente digital.

Outro objetivo cumprido foi o de registrar uma cena cultural em movimento. A reportagem não se apresenta como mapeamento definitivo da música autoral no interior paulista, mas como um recorte jornalístico capaz de documentar personagens, espaços, festivais e práticas que ajudam a compreender esse universo. Ao reunir relatos, imagens, dados, links e registros, o produto contribui para transformar uma rede muitas vezes percebida de maneira dispersa em narrativa pública.

5.2 Contribuições jornalísticas

A principal contribuição jornalística do produto está na valorização de cenas culturais locais e regionais como objetos legítimos de investigação aprofundada. A música autoral do interior paulista costuma aparecer de forma pontual em divulgações, coberturas de eventos ou publicações de redes sociais. A proposta deste trabalho foi deslocar esse tratamento episódico para uma abordagem mais contextualizada, capaz de observar processos, relações e permanências. Dessa forma, o produto se insere no campo do jornalismo cultural não como agenda de entretenimento, mas como prática de mediação, escuta e interpretação.

A reportagem também contribui ao reafirmar a relevância do formato *longform* dentro do jornalismo contemporâneo. Em um ambiente marcado por conteúdos rápidos, fragmentados e orientados pela circulação imediata, a escolha por uma narrativa longa permitiu tratar o tema com maior densidade. A divisão em Prelúdio, seis capítulos e Epílogo deu ao produto uma estrutura de leitura capaz de acompanhar diferentes dimensões da cena, sem reduzir a complexidade do objeto a um único acontecimento ou personagem.

Outra contribuição está no uso de recursos multimídia como parte da linguagem jornalística. As fotografias, vídeos, mapas, infográficos e playlists não foram pensados como elementos decorativos, mas como formas complementares de informação. Em uma reportagem sobre música, a escuta tem papel fundamental; em uma reportagem sobre território, o mapa contribui para visualizar conexões; em uma reportagem sobre memória, a fotografia se torna documento. O produto buscou articular essas linguagens de modo integrado, reforçando o potencial do jornalismo digital para narrativas culturais mais amplas.

O trabalho também reafirma a importância do jornalista como organizador de sentidos. A cena musical investigada já existia antes da reportagem; artistas, casas, festivais e comunicadores já atuavam em seus respectivos territórios. A contribuição jornalística foi observar essas relações, escutar seus agentes, organizar as conexões e propor uma leitura pública sobre elas. Nesse sentido, o intê não cria a cena, mas ajuda a torná-la visível, legível e documentada.

5.3 Contribuições culturais

Do ponto de vista cultural, o produto contribui para a memória da música autoral no interior paulista. Cenas independentes, especialmente fora dos grandes centros, muitas vezes dependem de registros dispersos: fotografias publicadas em redes sociais, vídeos de shows, cartazes, relatos de artistas, posts de divulgação e lembranças de quem esteve presente. Quando esses registros não são organizados, parte da história cultural de uma cidade ou de uma geração pode se perder.

A reportagem atua, nesse sentido, como forma de documentação. Ao reunir personagens, falas, imagens, eventos, dados e referências, o produto cria um arquivo jornalístico sobre uma cena em movimento. Esse arquivo é parcial, situado e incompleto, mas ainda assim relevante. Ele registra uma rede cultural que talvez não apareça com frequência na imprensa hegemônica e que, por isso, depende de outras formas de permanência.

A contribuição cultural também está em questionar a centralidade da capital como medida de valor. A reportagem não pretende afirmar que o interior é superior em termos absolutos, nem substituir uma hierarquia por outra. O título funciona como provocação justamente porque tensiona a ideia de que a relevância cultural precisa ser validada por centros já consagrados. O interior paulista aparece como território ativo, capaz de produzir música, encontros, cenas, circuitos e memórias próprias.

Ao longo da apuração, ficou evidente que a cena musical autoral do interior não se sustenta apenas por artistas. Ela depende de uma rede mais ampla, composta por quem organiza turnês, abre casas, produz festivais, registra shows, divulga eventos, fotografa, entrevista, filma, empresta equipamentos, compartilha contatos e forma público. O produto busca reconhecer esses agentes e mostrar que a cultura não acontece apenas no momento final da apresentação, mas em toda a

cadeia de relações que permite que uma música chegue ao palco e seja lembrada depois.

5.4 Desafios encontrados

A realização do produto envolveu diferentes desafios. O primeiro deles foi a própria delimitação do tema. A cena musical autoral do interior paulista é ampla, fragmentada e heterogênea. Não havia uma lista pronta de fontes, cidades, eventos ou personagens a serem investigados. O tema se aproximou inicialmente por observação informal, a partir do acompanhamento de bandas, perfis, festivais e publicações nas redes sociais. Transformar esse conjunto de rastros em uma pauta jornalística exigiu tempo, seleção e organização.

Outro desafio foi a apuração com fontes diversas e por múltiplos canais. As entrevistas ocorreram presencialmente, por WhatsApp, e-mail e chamada de vídeo, de acordo com a disponibilidade de cada fonte. Essa variedade permitiu ampliar o alcance do trabalho, mas também tornou mais complexa a organização do material. Foi necessário acompanhar respostas em diferentes plataformas, retomar contatos, conferir informações, selecionar trechos e equilibrar vozes distintas dentro da narrativa.

A agenda das fontes também impôs limites. Muitos entrevistados são artistas, produtores, comunicadores ou trabalhadores da cultura que conciliam a atuação musical com outras atividades profissionais. Isso influenciou prazos de resposta, formatos de entrevista e possibilidades de aprofundamento. Ao mesmo tempo, essa dificuldade também revelou uma característica importante do próprio objeto: a cena independente é atravessada por trabalho disperso, acúmulo de funções e limitações de tempo e recursos.

A escrita *longform* apresentou outro desafio. O volume de informações apuradas era grande, e a reportagem precisava evitar tanto a dispersão quanto o excesso de síntese. Foi necessário transformar entrevistas, observações, dados, imagens e documentos em uma narrativa com progressão clara. A divisão em capítulos ajudou nesse processo, mas também exigiu decisões de corte, hierarquização e costura. Nem todas as fontes ou informações apuradas puderam aparecer com o mesmo peso, e algumas relações precisaram ser condensadas para preservar a fluidez do texto.

A construção do site no WordPress foi uma das etapas mais difíceis da pós-produção. Além de escrever a reportagem, foi necessário organizar páginas, posts, menus, imagens destacadas, links internos, embeds, infográficos, playlists e responsividade. A plataforma ofereceu possibilidades importantes, mas também impôs limitações técnicas. Alguns ajustes visuais demandaram testes, revisões e adaptações. A montagem do produto evidenciou que uma reportagem multimídia exige não apenas apuração e escrita, mas também planejamento de navegação, design, legibilidade e experiência do usuário.

Também houve desafios relacionados à edição de imagens e à padronização visual. Como o produto utiliza fotografias de diferentes origens, foi necessário cuidar de cortes, qualidade, créditos e coerência estética. Os infográficos e mapas precisaram seguir a identidade visual do intê e, ao mesmo tempo, manter legibilidade. Esse processo reforçou a importância da edição visual em produtos jornalísticos digitais, especialmente quando o objetivo é construir uma experiência de leitura mais imersiva e organizada.

5.5 Possibilidades de continuidade

Embora tenha sido desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, o intê possui potencial de continuidade como projeto editorial de jornalismo cultural. A criação de uma marca própria, de uma identidade visual e de uma estrutura digital permite que o site não se limite à reportagem principal. Ele pode ser expandido futuramente com críticas musicais, ensaios, entrevistas, perfis, reportagens, coberturas de festivais, registros fotográficos e textos sobre cenas culturais independentes.

Essa possibilidade de continuidade é coerente com a própria proposta do produto. A reportagem demonstra que há uma rede cultural ampla a ser acompanhada, registrada e interpretada. O interior paulista não se esgota no recorte realizado, e outras cidades, artistas, festas, casas e festivais poderiam ser investigados em novas publicações. O intê pode funcionar como espaço de acompanhamento dessas movimentações, preservando a perspectiva de jornalismo cultural aprofundado e territorializado.

A continuidade também permitiria atualizar e ampliar o arquivo iniciado pelo TCC. Como a cena está em movimento, novos acontecimentos surgem constantemente. Festivais mudam, artistas lançam trabalhos, casas abrem ou

fecham, fotógrafos produzem novos registros e públicos se reorganizam. Um projeto editorial permanente poderia acompanhar essas transformações com mais regularidade, contribuindo para que a memória da cena não dependa apenas de registros dispersos em plataformas instáveis.

Além disso, o intê pode dialogar com outras linguagens. A experiência com reportagem multimídia abre caminho para formatos como newsletters, podcasts, ensaios visuais, mapas interativos, vídeos curtos, entrevistas em profundidade e críticas culturais. A continuidade do projeto dependeria de tempo, planejamento editorial e condições de produção, mas o TCC estabelece uma base possível para esse desenvolvimento.

5.6 Fechamento

A produção de “O interior é melhor que a capital” permitiu compreender que a música autoral do interior paulista não existe como fenômeno isolado, nem como simples reflexo do que acontece nos grandes centros. Ela se organiza em rede, a partir de deslocamentos, casas, festivais, registros, públicos e relações de confiança. Sua força não está apenas nos artistas que sobem ao palco, mas também nas pessoas que tornam esse palco possível, que produzem o evento, que divulgam, que fotografam, que registram, que recebem, que compartilham e que insistem.

Ao mesmo tempo, a reportagem mostrou que essa vitalidade não deve ser romantizada. A cena independente é marcada por criatividade e colaboração, mas também por precariedade, falta de estrutura, dificuldade de circulação, instabilidade financeira e ausência de reconhecimento contínuo. O interior vive, mas não vive por acaso. Vive porque há trabalho cultural sendo realizado, muitas vezes de forma invisível ou pouco valorizada.

O produto final busca, portanto, contribuir para que essa rede seja levada a sério. O interior paulista não precisa ser legitimado pela capital para existir culturalmente. No entanto, precisa ser registrado, analisado, sustentado e reconhecido. O jornalismo cultural tem papel importante nesse processo, porque pode transformar cenas dispersas em narrativas públicas, dar contexto a experiências locais e preservar vestígios de práticas que ajudam a compor a memória cultural de um território.

As considerações finais deste relatório não encerram a cena investigada. Ao contrário, reconhecem que ela permanece aberta, incompleta e em movimento. A reportagem produzida pelo intê é um recorte possível, situado no tempo e atravessado pelas escolhas do repórter. Sua contribuição está em oferecer uma leitura sobre essa rede e em afirmar que, entre estradas, palcos, festivais, rascunhos e arquivos, a música autoral do interior paulista constrói formas próprias de existir. O interior vive — e precisa continuar sendo ouvido.

6. REFERÊNCIAS

- Alves, Cristiano Nunes. Os circuitos e as cenas da música na cidade do Recife: o lugar e a errância sonora. 2014. Tese (Doutorado em Geografia) — Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- Alves, Cristiano Nunes. Elementos de uma cena musical alternativa em Campinas—SP (1980-2013). **Revista Z Cultural**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 1, 2018.
- Alves, Cristiano Nunes. Lugar e música, concretude e imaginação: a cena psicodélica setentista em Pernambuco (Brasil). **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 24, n. 96, p. 185-195, dez. 2023.
- Assis, Francisco de. Jornalismo de variedades: cartografia de uma especialidade da imprensa. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 105-128, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/z6Q5myHPdqQmBbgQBSxPVvd/>. Acesso em: 14 jun. 2026.
- Canavilhas, João. Hipertexto e recepção de notícias online. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, [s. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-hipertexto-e-recepcao-noticias-online.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2026.
- Canavilhas, João. Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web. In: CONGRESSO IBÉRICO DE COMUNICAÇÃO, 1., 2001. **Anais [...]**. [S. l.]: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2001. Disponível em: <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2026.
- Herschmann, Micael; Fernandes, Cíntia Sanmartin. Comunicação, música e territorialidades: repensando a relevância das cidades musicais do Rio de Janeiro. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 37-53, 2016.
- Jenkins, Henry. *Convergence culture: where old and new media collide*. New York: New York University Press, 2006.
- Jenkins, Henry. Transmedia storytelling 101. **Confessions of an Aca-Fan**, [s. l.], 2007. Disponível em: <http://henryjenkins.org/blog/2007/03/transmediastorytelling101.html>. Acesso em: 14 jun. 2026.
- Lima, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- Medina, Cremilda. *Povo e personagem*. Canoas: Editora da ULBRA, 1996.
- Melo, José Marques de. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

Pena, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 6., 2006, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2006. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2026.

Piza, Daniel. Jornalismo cultural. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

Salaverriá, Ramón; García Avilés, José Alberto. La convergencia tecnológica en los medios de comunicación: retos para el periodismo. **Trípodos**, Barcelona, n. 23, p. 31-47, 2008. Disponível em: <https://dadun.unav.edu/bitstreams/b929bbf1-9659-4610-bb94-0f539be12700/download>. Acesso em: 14 jun. 2026.

Santaella, Lucia. Desafios da ubiquidade para a educação. **Revista Ensino Superior Unicamp**, Campinas, p. 19-28, 2013. Disponível em: <https://edumidiascomunidadesurda.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/05/lucia-santaella-desafios-da-ubiquidade-para-a-educac3a7c3a3o.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2026.

Santos, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

Santos, Milton. O retorno do território. **OSAL: Observatorio Social de América Latina**, Buenos Aires, ano 6, n. 16, p. 251-261, jun. 2005.

Straw, Will. Cultural scenes. **Loisir et Société / Society and Leisure**, v. 27, n. 2, p. 411-422, 2004. Disponível em: <https://willstraw.com/wp-content/uploads/2019/02/cultural-scenes.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2026.

Straw, Will. Scenes and sensibilities. **Public**, v. 22-23, p. 245-257, [s. d.]. Disponível em: https://willstraw.com/wp-content/uploads/2025/10/scenes-and-sensibilities-publicv22-23_straw.pdf. Acesso em: 14 jun. 2026.

Straw, Will. Systems of articulation, logics of change: communities and scenes in popular music. **Cultural Studies**, v. 5, n. 3, p. 368-388, 1991. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/09502389100490311>. Acesso em: 14 jun. 2026.

Talese, Gay. Fama e anonimato. Tradução de Bernardo Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Tavares, Frederico de Mello Brandão. O jornalismo especializado e a especialização periodística. **Estudos em Comunicação**, Covilhã, n. 5, p. 115-133, maio 2009. Disponível em: <https://www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2026.

Tavares, Frederico de Mello Brandão. O jornalismo especializado e a mediação de um ethos na sociedade contemporânea. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 41-56, jan./jun. 2007.

Williams, Raymond. Culture is ordinary. In: Mackenzie, Norman (org.). **Conviction**. London: MacGibbon and Kee, 1958. p. 74-92.

7. APÊNDICES

APÊNDICE A — Link para a reportagem “O interior é melhor que a capital”

<https://inte.blog/>

APÊNDICE B — Lista de fontes entrevistadas

Projeto de TCC - A cena musical autoral do interior paulista (Arthur Caires)

Arquivo Editar Ver Inserir Formatar Ferramentas Gemini Extensões Ajuda

Menus

100%

Texto nor...

Arial

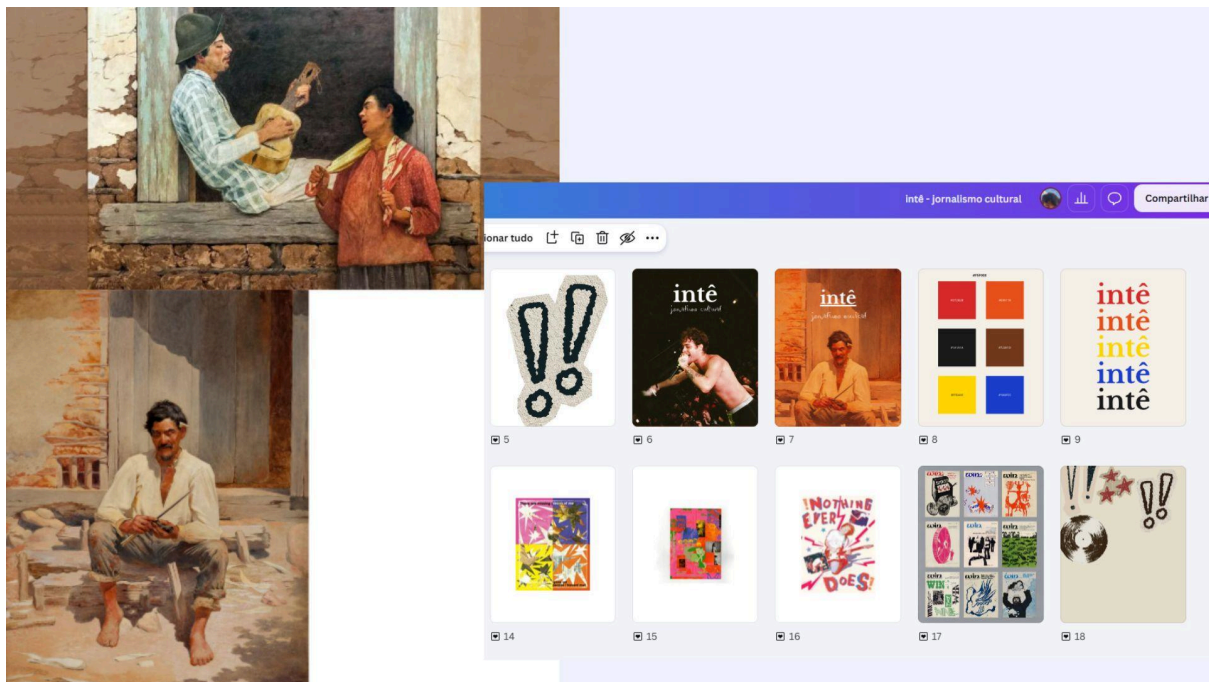
11

B I U

ENTREVISTAS PENDENTES

- Produtor Tom
- D3 Aquia (Barato.ampa)
- Pedro Lanches
- Lucas (Festival Beco)
- André (BolaShow)
- Bia Vacca
- Bruno Martins
- Guacal
- Cidade Curupira
- Marmônica
- Desconhecido Juazeiro
- Felipe (Tetris Club)
- Entre Cenas
- Borges Fotógrafo
- JONABUG
- Lobofest / Márcio Bertasso
- Outra Hora Rec
- Mas Um Hits
- Revista Repeteco
- Este Lado Para Cima
- Billy Mangue Casa
- RAROEFEITO
- Neura
- Tom Ribeira
- banda de casinha
- Luiz Alberto Moura
- lucas.pantiz@ufmg.br
- Prof. Simone Pereira de Sa
- Prof. Micael Herschmann
- Jornalista Eduardo Castro
- Alexandre Bazzari
- Ray do perfil - CENA
- Chococorn and the Sugarcanes
- Link do Zap, Chard, Dupla02 e Miseryswin
- Drai (Palhaços da Cidade / Organizador do Na Garagem)
- Banda Porcelana
- Julia (Funcionária / Segurança) - Petz Club/Lola Bar

APÊNDICE C — Identidade visual do intê

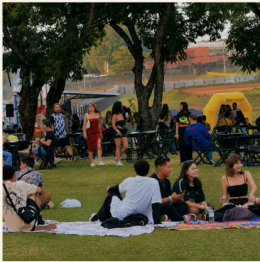


APÊNDICE D — Prints da página inicial



APÊNDICE E — Prints da página Capítulos

Capítulos



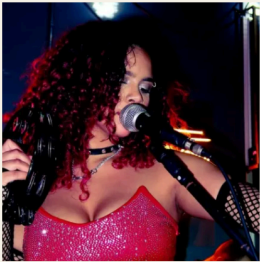
Prelúdio: O garimpo

Antes de aparecer como cena, a música autoral do interior paulista se forma no acúmulo de insistências



Capítulo 1: A estrada

Com Link do Zap, Chard, MiserySwin e Dupla02, a LMC Tour de Maria Ester revela como a circulação independente faz a música chegar a outros territórios



Capítulo 2: O palco

A partir do Na Garagem, o capítulo acompanha Orsi, Carol Thunder, Palhaços da Cidade e Porcelana para entender como casas pequenas sustentam a cena ao vivo



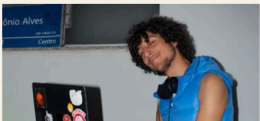
Capítulo 3: A ascensão

A partir da Chococom and the Sugarcanes e das leituras de Bia Vaccari, Guioak e Bruno Martins, o capítulo discute o que muda quando uma banda do interior começa a furar a própria bolha



Capítulo 4: O megafone

Festivais como o Lobofest e o Beco ampliam a cena, transformando música, cidade, fomento e público em uma disputa por visibilidade



Capítulo 5: O rascunho

A partir de Marimbondo e Barato.mp3, acompanhamos como a falta de recursos atravessa som, palco, pista e circulação



Capítulo 6: A memória

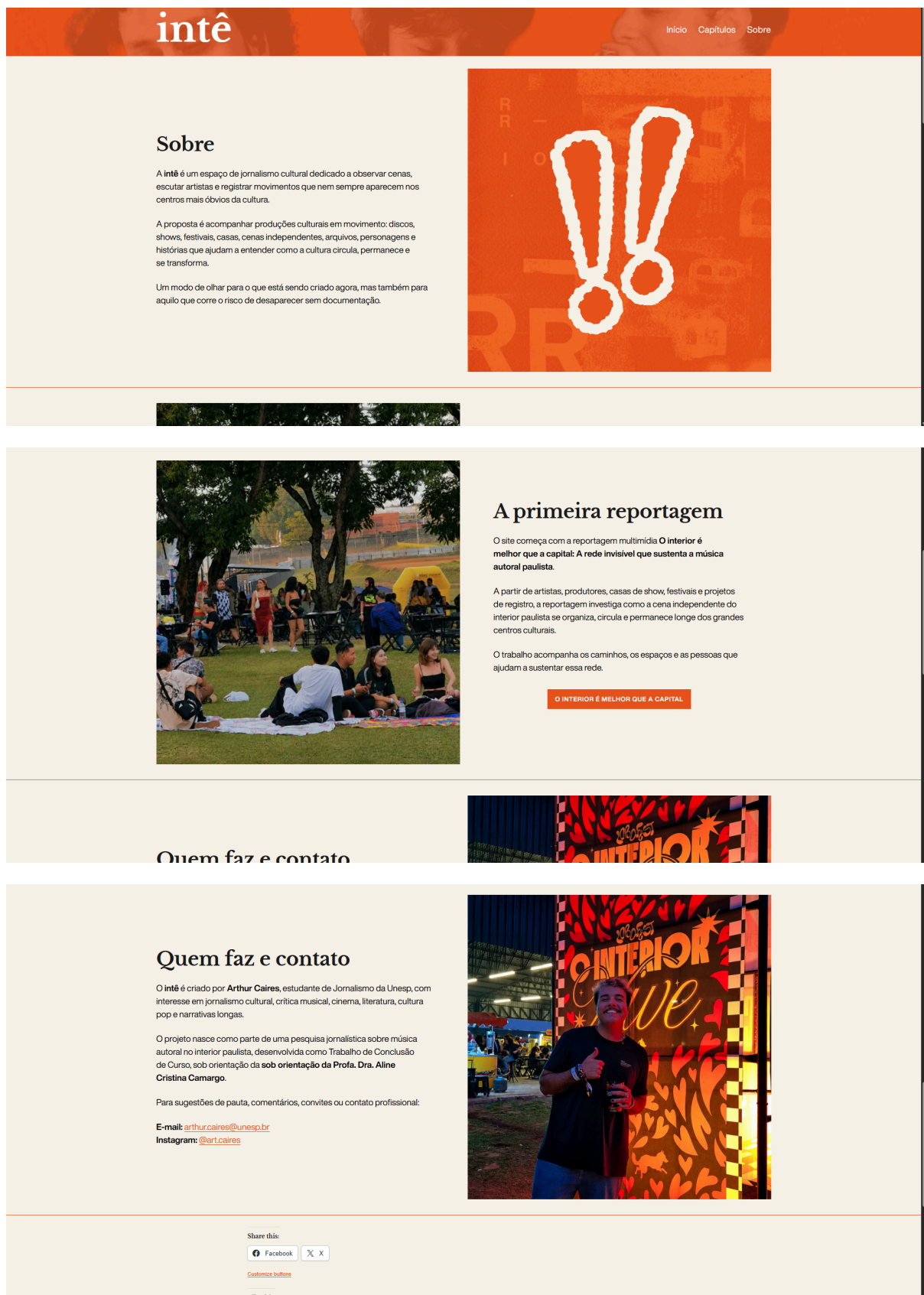
A partir do CENA, do Desconhecido Juvenal, do Entre Palcos e do Mapa da Música Autoral, os registros independentes sustentam a memória do movimento



Epílogo: O interior vive

A conclusão retoma os caminhos da reportagem para afirmar uma cena que não precisa ser descoberta, mas deve ser registrada e levada a sério

APÊNDICE F — Prints da página Sobre



APÊNDICE G — Prints dos capítulos



[Início](#) [Capítulos](#) [Sobre](#)

PRELÚDIO: O GARIMPO

Antes de aparecer como cena, a música autoral do interior paulista se forma no acúmulo de insistências



(Foto: Arthur Caires / Arquivo pessoal)

Na maior parte das vezes, uma cena cultural começa a aparecer pelos **cantos**.

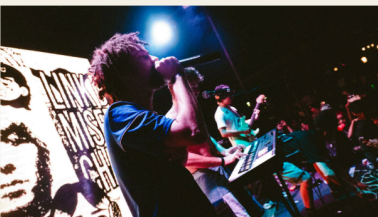
O **samba** nasceu nos quintais, nos terreiros, nas rodas e nas casas de pessoas



[Início](#) [Capítulos](#) [Sobre](#)

CAPÍTULO 1: A ESTRADA

Com Link do Zap, Chard, MiserySwin e DuplaQ2, a LMC Tour de Maria Ester revela como a circulação independente faz a música chegar a outros territórios



(Foto: João Victor Borges / @bxrgessavage)

Na música independente, circular é fabricar seu próprio caminho.



[Início](#) [Capítulos](#) [Sobre](#)

CAPÍTULO 2: O PALCO

A partir do Na Garagem, o capítulo acompanha Orsi, Carol Thunder, Palhaços da Cidade e Porcelana para entender como casas pequenas sustentam a cena ao vivo



(Foto: @entrepalcos.photo / Reprodução)

A estrada leva a banda até a cidade, o palco decide o que aquela chegada pode virar.

CAPÍTULO 3: A ASCENSÃO

A partir da Chococorn and the Sugarcane e das leituras de Bia Vaccari, Guioak e Bruno Martins, o capítulo discute o que muda quando uma banda do interior começa a furar a própria bolha



(Foto: João Victor Borges / @bxrgesavage)

Crescer também pode virar um desafio.

CAPÍTULO 4: O MEGAFONE

Festivais como o Lobofest e o Beco ampliam a cena, transformando música, cidade, fomento e público em uma disputa por visibilidade

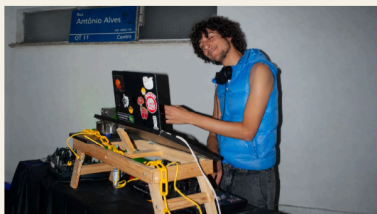


(Foto: Arthur Caires / Arquivo pessoal)

Um festival dá escala ao que já estava acontecendo nos cantos.

CAPÍTULO 5: O RASCUNHO

A partir de Marimbondo e Barato.mp3, acompanhamos como a falta de recursos atravessa som, palco, pista e circulação



(Foto: Cali / @calistx.pic)

A **precariedade** surge como uma **condição material** antes mesmo de ser incorporada como **estética**.

CAPÍTULO 6: A MEMÓRIA

A partir do CENA, do Desconhecido Juvenil, do Entre Palcos e do Mapa da Música Autoral, os registros independentes sustentam a memória do movimento



(Foto: @joao_arquivo / Reprodução)

Uma cena também desaparece quando ninguém conta.

EPÍLOGO: O INTERIOR VIVE

A conclusão retoma os caminhos da reportagem para afirmar uma cena que não precisa ser descoberta, mas deve ser registrada e levada a sério



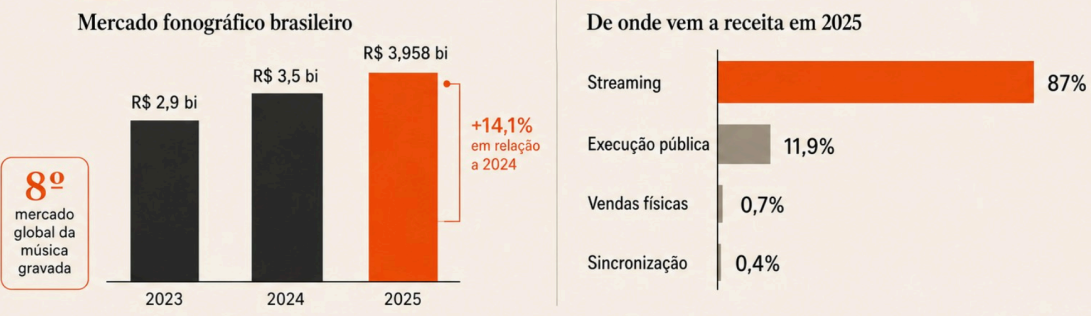
(Foto: Rogério Passini / @alpassini)

Aos poucos, os cantos ganharam nome.

intê

O mercado brasileiro cresce, mas a disputa por escuta também

Dados do mercado fonográfico brasileiro ajudam a mostrar a distância entre estar disponível nas plataformas e ser ouvido de fato



Fonte: Pro-Música Brasil, Relatório Mercado Brasileiro de Música 2025; IFPI.

intê

O investimento cultural também desenha um mapa

Os números da Lei Paulo Gustavo mostram a escala do investimento cultural, a capilaridade dos repasses e o peso de São Paulo na execução dos recursos



Fonte: Ministério da Cultura; dados da execução da Lei Paulo Gustavo.

As leis que atravessam a noite

Em Bauru, normas sobre festas, bebidas, adegas e fiscalização ajudam a moldar os limites da ocupação noturna e da música ao vivo.

2017**Lei nº 6.903****Festas clandestinas**

- eventos abertos ao público
- exigências legais
- documentos e fiscalização
- exceções culturais comprovadas

2020**Lei nº 7.341****Festas open bar**

- proibição de open bar
- bebida alcoólica sem limite
- ingresso de valor único
- multa e restrição a organizadores

2026**Lei nº 8.017****Adegas e disk-cerveja**

- regulamentação de adegas
- restrição de consumo no local
- veto à música
- limite de horário presencial

Fontes: Lei nº 6.903/2017; Lei nº 7.341/2020; Câmara Municipal de Bauru; cobertura